

27/1 gennaio 1974
Liahona

Publicação Mensal d'A
Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos
Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

COMITE DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans, Diretor-Gerente de Comunicações Internas; John E. Carr, Diretor de Distribuição e Tradução; Doyle L. Green, Diretor de Revistas da Igreja; Daniel H. Ludlow, Diretor de Materiais de Instrução.

EDITOR

Larry Hiller

EDITOR RESPONSÁVEL

Osiris G. Cabral

REDATOR

Wilson Taveira

NESTE NÚMERO

- 3 **A Igreja Verdadeira — Uma Igreja Missionária** Élder LeGrand Richards
- 6 **Conselho a um Jovem:** Pres. Spencer W. Kimball
- 9 **Julie Wang** Malan R. Jackson
- 10 **Uma Conversa com o Élder Gordon B. Hinckley** Brian Kelly
- 14 **Muitas Almas Estavam Esperando** Wilford Woodruff
- 16 **Missionários da História da Igreja** Leonard J. Arrington
- 20 **Partilhar as Riquezas Incompreensíveis de Cristo** Pres. Rex D. Pinegar
- 23 **Um Apóstolo Fala às Crianças** Élder Boyd K. Packer
- 25 **Levanta-te e Anda**
- 26 **O Cavalo Marinho**
- 27 **Só por Brincadeira**
- 28 **O Vendedor de Flores de Manila** Agnes M. Pharo
- 31 **Missões da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**
- 32 **Um Chamado do Profeta** Linda Shelly
- 34 **Minha Conversão** Pres. Hartman Rector Jr.
- 37 **Sobre as Planícies da Judéia** Élder Bruce R. McConkie
- 41 **Que Classe de Homem? "Como Eu Sou"** Élder Marion D. Hanks
- 44 **O Livre Arbítrio do Homem** Élder John H. Vandenberg
- 48 **A História da Igreja no Brasil**

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Padro, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Uni-

fied Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

REGISTRO

Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o no. 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079 São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples:

US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A Igreja Verdadeira - Uma Igreja Missionária

pelo Elder LeGrand Richards

Do Conselho dos Doze

As afirmações da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são de que as coisas que o próprio Senhor revelou dos céus e através dos profetas antigos que visitaram esta terra e confiaram as chaves de suas dispensações ao Profeta Joseph Smith, devem ser proclamadas ao mundo. Como pode o mundo, de outra forma, conhecê-las?

O apóstolo Paulo disse:

“Como pois invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?”

“E como pregarão, se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!” (Rom. 10.14-15.)

Todos os cristãos aguardam o dia em que Cristo reaparecerá e reinará por mil anos sobre esta terra, mas há certos preparativos que devem preceder a sua vinda.

O apóstolo Pedro, falando àqueles que haviam morto a Cristo, disse, depois do dia de Pentecostes:

“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos de refrigério pela presença do Senhor.

“E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado.

“O qual convém que o céu contenha até os tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.” (Atos 3:19-21.)

Nenhuma outra igreja clama a restauração de todas as coisas ditas pela boca de todos os santos profetas desde que se fez o mundo. A igreja dominante diz que houve uma continuação desde os dias do Salvador. As igrejas protestantes clamam uma reforma, isto é, com a sabedoria dos homens, eles se esforçaram para corrigir os erros da igreja dominante. Mas nenhuma cumpre a palavra de Pedro de que o

Senhor não virá novamente, até que haja uma restauração de todas as coisas. E nós temos esta restauração.

Quando os apóstolos pediram a Jesus os sinais da sua segunda vinda, o Salvador falou dos julgamentos que viriam sobre a terra, tais como guerras, pestes, terremotos e fomes, e então disse:

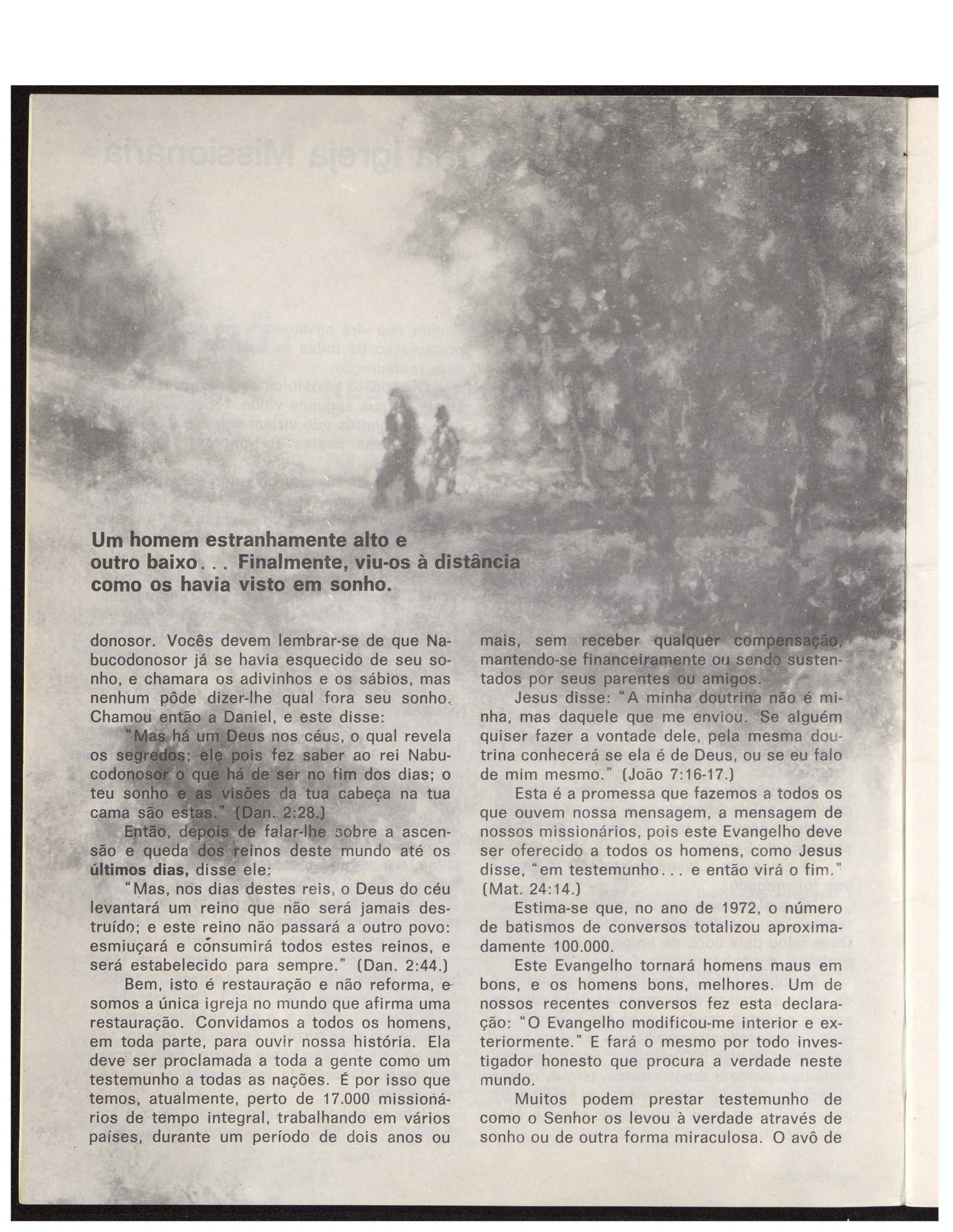
“E este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.” (Mat. 24:14.)

A única pergunta em nossa época é: **Onde está esse Evangelho do reino entre as centenas das assim chamadas igrejas cristãs existentes atualmente sobre a terra?** Uma pessoa racional teria que procurar uma restauração do Evangelho, em vez de uma continuação ou uma reforma do Evangelho, se aceita os ensinamentos das Santas Escrituras.

Há muitas Escrituras que se referem à restauração.

Primeiramente, quando João, o Amado, foi banido para a Ilha de Patmos, o anjo do Senhor disse: “Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.” (Ap. 4:1.) E isto foi trinta anos depois da morte do Salvador. Ele viu o poder que seria dado a Satanás, para fazer guerra aos santos e sobrepujá-los, e a ter poder sobre toda a nação, tribo, língua e povo. (Vide Ap. 13:7.) Ora, isto não deixa ninguém de fora. Isto declara uma apostasia completa da igreja original. Ele viu então um outro anjo voar no meio do céu, “e tinha o Evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo.” (Ap. 14:6.) Ora, isto não deixa ninguém de fora, e não haveria necessidade de um anjo trazer o Evangelho eterno, se este ainda estivesse sobre a terra. Esta é uma declaração definida da restauração e não de uma reforma.

Isto é também verdade, quando Daniel foi chamado para interpretar o sonho de Nabuco-



Um homem estranhamente alto e outro baixo... Finalmente, viu-os à distância como os havia visto em sonho.

donosor. Vocês devem lembrar-se de que Nabucodonosor já se havia esquecido de seu sonho, e chamara os adivinhos e os sábios, mas nenhum pôde dizer-lhe qual fora seu sonho. Chamou então a Daniel, e este disse:

"Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias; o teu sonho e as visões da tua cabeça na tua cama são estas." (Dan. 2:28.)

Então, depois de falar-lhe sobre a ascensão e queda dos reinos deste mundo até os **últimos dias**, disse ele:

"Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre." (Dan. 2:44.)

Bem, isto é restauração e não reforma, e somos a única igreja no mundo que afirma uma restauração. Convidamos a todos os homens, em toda parte, para ouvir nossa história. Ela deve ser proclamada a toda a gente como um testemunho a todas as nações. É por isso que temos, atualmente, perto de 17.000 missionários de tempo integral, trabalhando em vários países, durante um período de dois anos ou

mais, sem receber qualquer compensação, mantendo-se financeiramente ou sendo sustentados por seus parentes ou amigos.

Jesus disse: "A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:16-17.)

Esta é a promessa que fazemos a todos os que ouvem nossa mensagem, a mensagem de nossos missionários, pois este Evangelho deve ser oferecido a todos os homens, como Jesus disse, "em testemunho... e então virá o fim." (Mat. 24:14.)

Estima-se que, no ano de 1972, o número de batismos de conversos totalizou aproximadamente 100.000.

Este Evangelho tornará homens maus em bons, e os homens bons, melhores. Um de nossos recentes conversos fez esta declaração: "O Evangelho modificou-me interior e exteriormente." E fará o mesmo por todo investigador honesto que procura a verdade neste mundo.

Muitos podem prestar testemunho de como o Senhor os levou à verdade através de sonho ou de outra forma miraculosa. O avô de

minha mulher, lá no sul, sonhou, certa noite, que um homem estranhamente alto e outro baixo subiram o rio Catawba e o visitaram. Tinham algo de precioso para dar-lhe. Durante todo o dia seguinte, ele observou a estrada que passava por sua casa. Finalmente, viu-os à distância como os havia visto em sonho, e saiu para encontrá-los. Eles se apresentaram como missionários mórmons, e o homem aceitou alegremente o batismo pelas suas mãos.

Na Holanda, onde cumpri duas missões, nossos missionários haviam convertido muitos dos seguidores de uma certa igreja. E eles gostavam de seu ministro, compreendendo, entretanto, que ele não possuía toda a verdade; assim, solicitaram-lhe que assistisse a uma reunião mórmon. Ao término da reunião, os missionários encontraram-no à porta, e ele disse-lhes que Joseph Smith era um falso profeta, enganador e tudo de ruim em que podia pensar, indo então para casa deitar-se.

Contou que se recolheu, mas não conseguia dormir. Rolou e agitou-se até as primeiras horas da manhã e então, levantou-se e andou pelas ruas até a hora em que pensou que os élderes mórmons estariam acordados. Foi a eles e pediu-lhes um exemplar do Livro de Mórmon; leu-o e filiou-se à Igreja. Cumpri pessoalmente muitas designações missionárias com ele e preguei em muitas reuniões, e ouvir aquele ex-ministro levantar-se e testificar com todo seu coração que sabe ser Joseph Smith um profeta de Deus e que o Evangelho foi restaurado inunda de alegria a nossa alma.

Quando estava servindo como bispo presidente, uma boa irmã trouxe-me seu filho ao escritório, para ser entrevistado para sua missão. Naquela época, ela estava com um filho no campo missionário na Europa e uma filha em outra missão. Parecia pobremente vestida e eu disse: Por que a senhora não espera até que seu outro filho volte para casa, antes de enviar este rapaz? Sua resposta foi: Bispo, se o senhor providenciar que meu filho seja chamado, eu providenciarei que ele obtenha o dinheiro para manter-se no campo missionário.

Quando era bispo, eu costumava admirar uma boa mãe que trabalhava numa padaria, no seu uniforme branco e limpo, ano após ano, enquanto sustentava três de seus filhos no campo missionário. Um deles, mais tarde, tornou-se presidente de missão, e os outros dois são ativos na Igreja.

Temos muitos membros maravilhosos na

Igreja, contribuindo para o sustento de missionários no campo, quando não têm seus próprios filhos e filhas para enviar. Muitos também têm contribuído para o fundo missionário na sede da Igreja, a fim de ajudar os jovens que estão financeiramente incapacitados, para que possam cumprir uma missão.

Tenho muitos amigos que sei estarem fazendo isto consistentemente. Uma boa irmã, uma viúva, tem sustentado muitos missionários no campo. Um parente meu almeja manter dez de cada vez no campo missionário, mas não ousa contar isso à sua esposa. Sempre me senti triste por esse fato, pois ela deveria poder partilhar com ele dessa grande alegria.

Falei, tempos atrás, sobre este assunto em uma conferência. Ao terminá-la, recebi uma carta de uma professora incluindo dinheiro suficiente para manter um missionário durante um mês, e indicando que ela enviaria quantia igual mensalmente durante dois anos para o mesmo fim.

Fiquei muito feliz, recentemente, entrevistando um rapaz para a missão, ao saber que, embora sendo ambos católicos, seus pais estavam arranjando dinheiro para a missão do filho.

Escrevi, em 1971, um artigo sobre a obra missionária e recebi uma carta de uma menina de quatorze anos, em que dizia: "Irmão Richards, quero fazer uma missão." Escrevi-lhe, dizendo que não poderia ir para uma missão de tempo integral com quatorze anos, mas que havia bastante trabalho missionário para fazer ali mesmo, em casa, pois existiam tantos não-membros ali, que, se ela convidasse um de seus amigos não-mórmons e seus pais para irem à Igreja com ela, eles poderiam encontrar os missionários e então ser-lhes ensinado o Evangelho.

Algumas semanas depois, recebi uma carta da mãe dessa menina, que é presidente da AMMM do Sacerdócio Aarônico de sua ala, agradecendo-me pela carta que escrevera à sua filha e dizendo que a mocinha havia seguido meu conselho. Consegui que uma das famílias fosse com ela à Igreja e, mais tarde, haviam marcado a data de seu batismo.

Experiências como esta podem ser relatadas em todo o mundo, pois esta é a verdade de Deus restaurada à terra, a fim de nunca mais ser destruída nem dada a outro povo, mas, sim, para preparar o caminho à segunda vinda de Jesus, quando ele reinará sobre a terra durante mil anos, como declaram as Escrituras.

Conselho A Um Jovem: O Tempo De Preparação É Agora

pelo Presidente Spencer W. Kimball

Meu filho, você vai ser um missionário porque o deseja.

Mas, surge a pergunta: Será um missionário valente e eficaz ou meramente um missionário designado? Isto dependerá de sua preparação.

O Senhor deu-nos uma revelação sobre a importância da obra missionária:

"E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!" (D&C 18:15.)

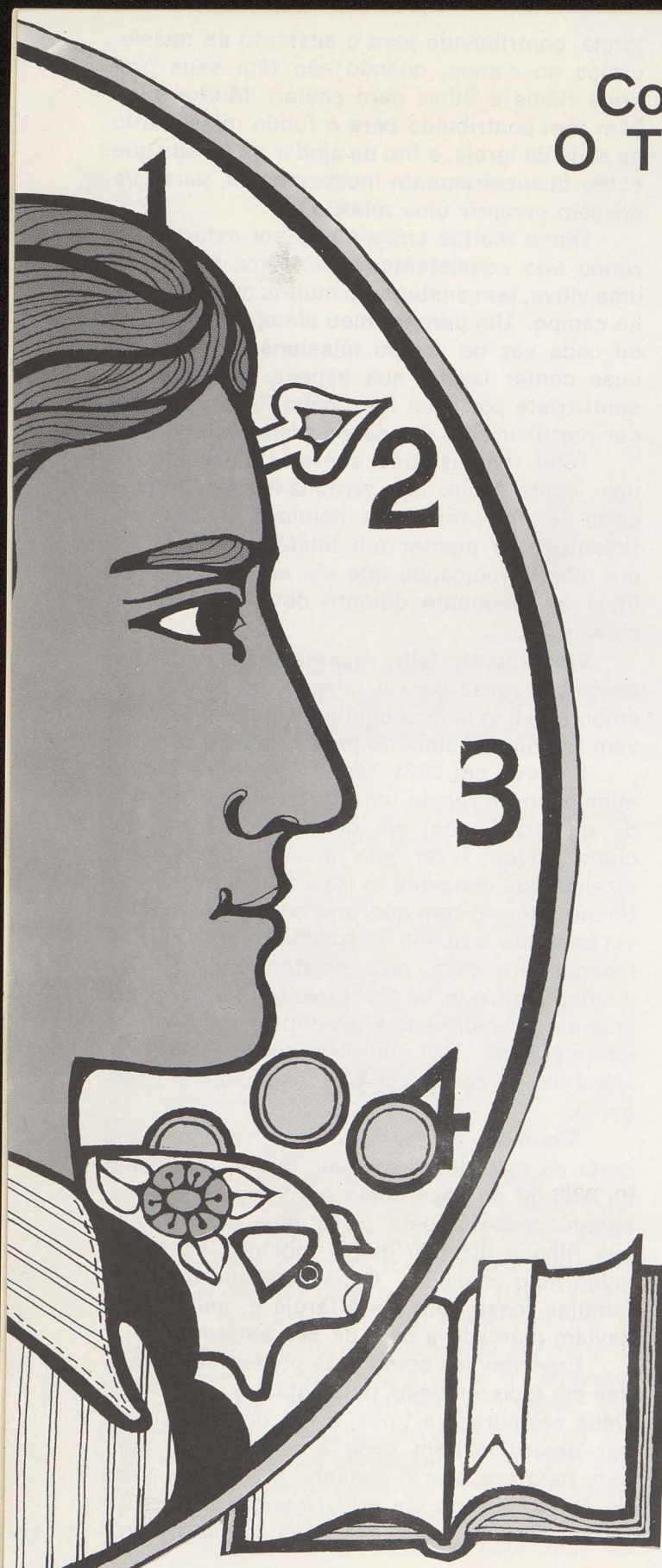
Eu os saúdo como uma pessoa que gosta dos jovens e neles acredita, desejando ajudá-los a crescer até seu destino último e glorioso.

Vejo-os como indivíduos em um grande grupo composto de jovens que fornecerão liderança à Igreja nas décadas vindouras.

Estou informado de que há 165.231 jovens, entre as idades de 12 a 18 anos atualmente na Igreja, e um número semelhante de moças.

Se a maioria desses rapazes estivessem capacitados e fossem dignos, isto significaria que poderíamos ter de 30.000 a 40.000 pessoas no campo missionário durante todo o tempo, incluindo rapazes, moças e casais.

A missão não é apenas um privilégio e uma oportunidade, mas um dever e uma obrigação solenes. Meu filho, você está grandemente obrigado devido às bênçãos que usufrui, sendo que nenhuma delas foi provida por você mesmo, como o cérebro e as faculdades, a vista e a audição. Você é o recipiente das



“bênçãos das épocas” acumuladas e, mais particularmente, das bênçãos do século. Durante mais de 140 anos, nosso povo tem sofrido e se sacrificado para elevar à presente altura o nosso conhecimento. Sua fé e entendimento da verdade são o resultado da obra missionária de dias passados, os quais só podem ser compensados, dando aos outros as mesmas oportunidades. Assim, é bom que todo rapaz digno e preparado, ao crescer, deseje ardentemente cumprir uma missão. É claro que não há obrigatoriedade. Cada pessoa toma sua própria decisão quanto a este assunto, como o faz para receber o Sacerdócio, pagar seus dízimos, casar-se no templo, servir à Igreja. Deve fazer todas estas coisas, mas tem seu livre arbítrio.

O Senhor tornou claro, através de nossos profetas, que precisamos levar o Evangelho às nações do mundo — que todos devem ser ensinados em sua própria língua, até os confins da terra. Não há ninguém mais, a não sermos nós, no mundo para ensiná-lo às nações. E, visto que há um número limitado de rapazes, é próprio que todo membro seja um missionário, e para esse fim, a Igreja lançou um grande programa novo para cobrir a terra, de acordo com a afirmação do Senhor:

“Eis que vos envie para testificar e prevenir o povo, e todo o que for prevenido deverá prevenir o seu próximo.” (D&C 88:81.)

Assim, é dever de toda pessoa preparar-se para essa obrigação e privilégio solenes. Ao aprender o alfabeto, a tabuada e as coisas que são pré-requisitos para seus estudos universitários, ela está-se preparando para o trabalho de sua vida. Da mesma forma, deve estar-se preparando durante todos os dias de sua infância e juventude, para a grande missão da mocidade e do crescimento espiritual de sua vida.

Essa preparação consiste, grandemente, em esforços feitos em três áreas:

1. Manter sua vida limpa e digna, conservando-se livre de todos os pecados do mundo.
2. Preparar a mente e o espírito — para conhecer a verdade.

3. Estar apto para financiar sua missão, a fim de que ela possa ser uma contribuição pessoal, tanto quanto possível.

1. Quanto à vida moral, espera-se que todos aprendam, desde o berço até sua missão, as coisas fundamentais do Evangelho e a necessidade da vida pura. Embora não se exija um modelo perfeito, espera-se que, através da educação familiar, reuniões familiares, relações entre pai e filho e outros aprendizados e treinamentos, ele possa ter resistido a toda tentação de fazer o mal e atravessado estes anos mais jovens totalmente livre dos vícios do mundo — que todo tipo de vício mortal tenha sido sobrepujado e que ele tenha permanecido limpo e puro e seja capaz de encarar seu bispo muitas vezes durante seus anos de crescimento, e possa dizer-lhe sem mentir que tem sido realmente o senhor de seus desejos, impulsos e paixões, sendo digno de levar a mensagem sagrada do Senhor.

Caso tenha havido incidentes que o fizessem indigno, deve haver arrependimento total e pleno durante um período suficiente para satisfazer o bispo, o presidente da estaca e a autoridade geral, demonstrando que é como Saulo, “um homem novo” com “um coração novo” e que está pronto para cumprir seus deveres. Com respeito ao perdão, toda pessoa que transgrediu seriamente deve procurar, com honestidade, aprender o significado real do arrependimento — aprender que significa muito mais do que o mero desejo de fazer melhor. Sabemos que ninguém poderá obter jamais o perdão, a não ser que haja arrependimento adequado, e Alma nos explicou que “o arrependimento não poderia sobrevir aos homens, se não houvesse uma punição que, como a vida da alma, também fosse eterna...” (Al. 42:16.)

Deve haver uma profunda consciência da culpa, antes que o processo do arrependimento se inicie, e essa consciência real de culpa pode trazer o sofrimento da mente, do espírito e às vezes até do corpo. Os ensinamentos constantes desde a infância devem levar toda pes-

Conselho A Um Jovem: O Tempo De Preparação É Agora

soa a compreender que não pode cometer o pecado sem ficar impura e maculada.

2. Deve-se estudar, ponderar, aprender as Escrituras e edificar seu testemunho, a fim de estar preparado para ensinar e treinar. O Senhor disse: "Se estiverdes preparados, não temereis", e nossa esperança é de que, desde a infância e durante todos os anos de adolescência, as lições ensinadas nas auxiliares, nos seminários e institutos, nas reuniões familiares, nas reuniões sacramentais e outros lugares, possam dar a todo jovem a preparação que eliminará o medo. Toda pessoa, ao aproximar-se de uma missão, deve ser instruída, treinada e doutrinação para participação imediata e apropriada no proselitismo. O desconhecimento do Evangelho, da doutrina ou da organização nunca deve ser encontrado entre nossa juventude. As Escrituras apropriadas podem ser aprendidas de maneira agradável e permanente pelas crianças; as doutrinas podem ser ensinadas à juventude e por ela absorvidas.

Por que alguns jovens são quase demasiadamente escrupulosos com relação a seus deveres escolares, a ponto de negligenciar suas responsabilidades na Igreja, quando o espiritual deve ter prioridade nos estudos de toda pessoa? Se for preciso dar preferência, entretanto, há tempo para preencher todas as necessidades.

Chegar à idade de missão e ser iletrado quanto ao Evangelho ou as outras coisas, é um desperdício inimaginável. Certamente, ao tempo em que um rapaz chega ao seu décimo-nono aniversário, deve estar preparado para sair de seu papel convencional no lar para o importante papel de missionário sem uma reorganização total de sua vida, seus padrões ou treinamento.

3. O financiamento de uma missão deve ser iniciado sob a orientação dos pais, quando o menino nasce. Como seria maravilhoso se cada futuro missionário pudesse ter economizado desde o nascimento para sua missão. Seria ideal que os pais estabelecessem para ele uma conta bancária ou outros investimentos e então

lembrassem à criança, todas as vezes que lhe viesse dinheiro às mãos, que parte dele, ou todo, deveria ir para o fundo da missão. Isto não somente constrói o fundo missionário, mas é um esteio psicológico. O rapaz é lembrado constantemente de sua futura missão, incentivando-o a trabalhar. Trabalhos extras e numerosos serviços servem para financiar sua missão. Isto pode desencorajar o crescimento egoísta de muitos que têm em mente apenas seus desejos imediatos. Se for permitido à criança gastar o que é seu apenas para si mesma, este espírito de egoísmo pode continuar com ela até o túmulo.

Como seria maravilhoso se todo rapaz pudesse financiar totalmente ou em grande parte sua própria missão, recebendo assim, a maior parte das bênçãos que advêm de seus trabalhos missionários.

É claro que se o rapaz for alguém que tenha sido convertido na juventude, seus anos de economia serão limitados. Se ele viver em um país em que os padrões econômicos são baixos e as oportunidades bastante limitadas, ainda assim poderá ater-se a esta norma e fazer o melhor possível.

Após a contribuição do missionário, vem a de sua família mais imediata, e nenhum missionário será chamado, se ele e os familiares não puderem contribuir em nada para o seu sustento.

Em países onde a remuneração do trabalho é muito baixa ou onde a família tenha outros sérios problemas financeiros, que tornam mais difícil sua participação, temos então os quoruns do Sacerdócio nos distritos, alas, ramos, estacas e missões, uma de cujas funções principais é levantar fundos para propósitos missionários. A Igreja tem dois fundos que podem ser usados em casos de emergência.

Todo rapaz e muitas moças e casais deveriam fazer uma missão. Todo missionário em perspectiva deve-se preparar moral, espiritual, mental e financeiramente durante toda sua vida para servir fiel, eficientemente e bem no grande programa da obra missionária.



Julie Wang

por Malan R. Jackson
da Missão de Formosa

Julie ama a seu Pai Celestial. Vive sua religião. Tem apenas quinze anos, mas foi o instrumento nas mãos do Senhor para trazer uma congregação inteira para a Igreja. Cinquenta dessas pessoas foram batizadas no dia 1.º de abril de 1973, e aproximadamente duzentos mais podem ser batizados naquela congregação logo mais.

O pai de Julie, Wang T'ien-te (rei da virtude celeste) vendeu seu negócio quase dezoito anos atrás, determinado a depender o resto de sua vida pregando os ensinamentos de Jesus Cristo. Com o produto dessa venda, ele comprou uma propriedade e construiu uma igrejazinha no povoado de K'e Liao, no sul de Formosa. Logo

depois, construiu uma casa atrás da igreja. Julie nasceu nessa casa, sendo a última de oito filhos.

Em maio de 1972, Julie vinha andando por uma rua da cidade de Kaohsiung, Formosa, quando viu dois jovens estrangeiros estendendo folhetos de papel a todos os que passavam. Pegou um dos papéis e logo descobriu que era uma breve mensagem da restauração do Evangelho de Jesus Cristo. A segunda página do folheto era um cartão de referência do Ramo de Kaohsiung. Julie havia sido cuidadosamente educada com ensinamentos do Evangelho, e foi movida pelo Espírito a aprender a respeito dessa restauração. Devolveu o cartão e foi visitada quase imediatamente pelos élderes. Sabia que o Evangelho era verdadeiro desde o momento em que o ouvira, e desejou ser batizada.

O pai de Julie não podia compreender seu pedido. Ele a havia batizado pessoalmente por imersão. No entanto, à medida que Julie lhe falou mais sobre a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ele também aceitou a mensagem da restauração.

No dia 1.º de abril de 1973, Julie foi com seu pai e mãe, e

62 outros membros da Igreja de K'e Liao à capela de Kaohsiung. Julie ficou com lágrimas nos olhos ao ver seu pai e mãe batizados pelo presidente da missão. Transbordou de alegria ao ver mais 48 pessoas a quem havia amado durante toda a vida, entrarem também nas águas do batismo.

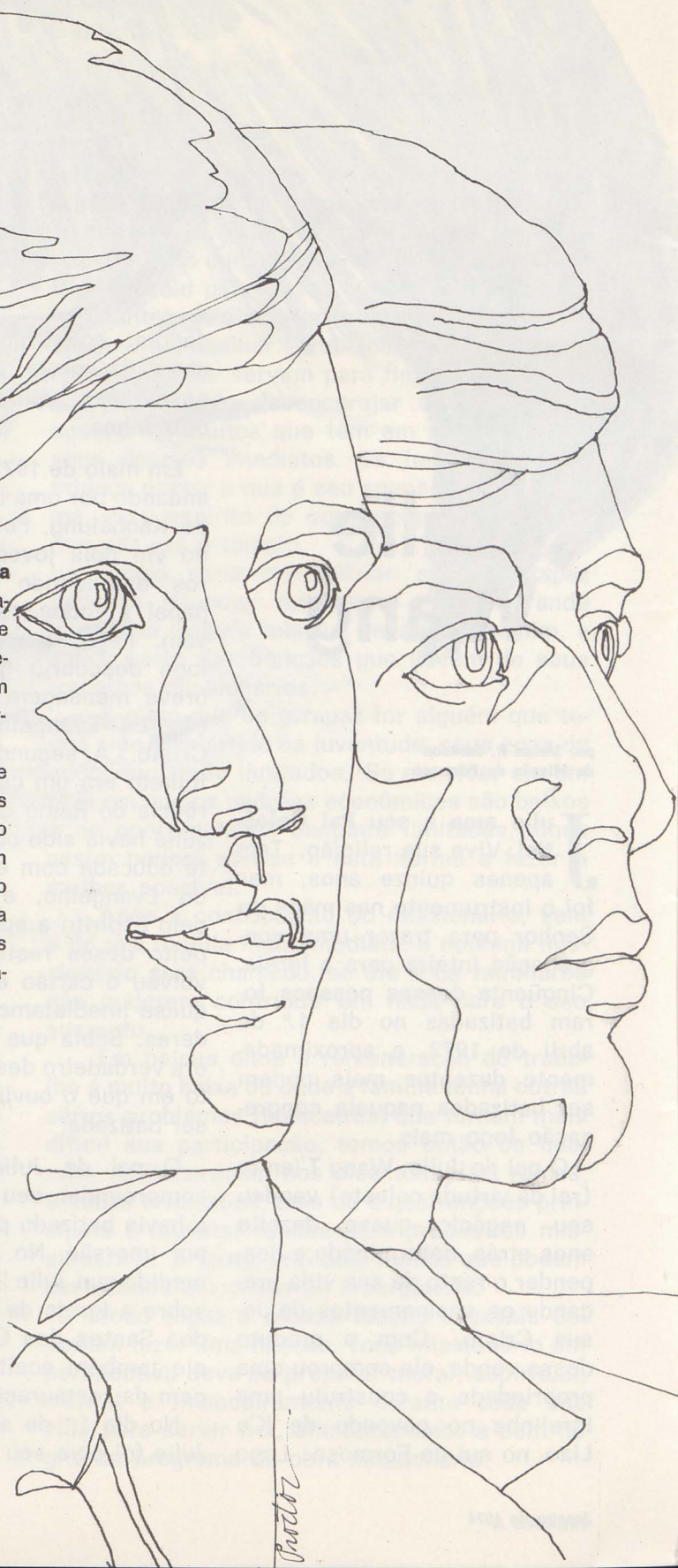
Julie vive a sua religião. Quando seu pai não pôde entender por que ela se havia afiliado a outra igreja, teve a coragem de dizer-lhe o porquê e de prestar-lhe testemunho. Através da força, coragem e testemunho de uma garota de quinze anos, toda uma congregação foi trazida para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Julie estava na Igreja havia apenas alguns meses. A maioria de nós crescemos na Igreja e gozamos as bênçãos do Evangelho durante toda a vida. Podemos seguir o exemplo de Julie? Podemos ser missionários? Precisamos! Através de nós, também grandes coisas podem acontecer; também por nosso intermédio, muitos dos filhos de Deus podem ser trazidos ao batismo e à filiação na Igreja. Seja fiel; tenha coragem; viva os mandamentos; preste testemunho.

Uma Conversa Com O Élder Gordon B. Hinckley A Respeito Da Obra Missionária

por Brian Kelly
Editor Administrativo

Pouvimos, com frequência, falar nos desafios da obra missionária na história da Igreja. Escutamos a respeito de grandes missionários e de como sobrepujaram privações para trazer números espetaculares de novos convertos à Igreja. Os desafios com que se defrontam os missionários atualmente são diversos dos enfrentados no passado?

Élder Hinckley: A obra missionária sempre envolve desafios, e sempre o fará. As circunstâncias e atitudes mudaram; entretanto, basicamente o trabalho vem sendo de certa forma o mesmo, através de todos os anos em que nos temos empenhado na obra missionária. E, devo adicionar que esta obra precedeu até à organização da Igreja. Logo que o Livro de Mórmon foi publicado, alguns daqueles que criam nele ensinaram-no e testificaram dele.



Muitas pessoas, hoje em dia, estão propensas a considerar os dias antigos como os da ceifa e os atuais como os do respigar. Na realidade quando se observa mais detalhadamente a história da Igreja, vê-se que muitos dos antigos missionários que tiveram tremendos sucessos experimentaram também tremendos desapontamentos.

— É da tendência humana glorificar o passado, mas devemos também notar que naquela época, houve muitos que não ouviram aqueles grandes e capazes expoentes do Evangelho, da mesma forma como há muitos que não ouvem aqueles que o ensinam atualmente.

P: Como se comparam os resultados de hoje com os do passado?

Élder Hinckley: Falando-se de forma geral, podemos dizer que a obra missionária é mais produtiva hoje em dia do que durante a maior parte dos períodos do passado. É claro que os resultados variam de acordo com as áreas. Alguns lugares que no passado produziram muitos conversos, hoje fazem relativamente poucos. E áreas que, há muitos anos não estavam abertas ou eram pouco frutíferas, tornaram-se maravilhosamente produtivas em nossos dias.

P: Quais são, pois, algumas constantes que os missionários sempre experimentaram e continuarão a experimentar no futuro?

Élder Hinckley: A mensagem tem sido sempre a mesma. O adversário tem sempre procurado agir sobre aqueles que receberam o Evangelho e também sobre os que o ensinam. O trabalho missionário nunca foi fácil, e no entanto, as alegres recompensas não podem ser igualadas por qualquer outra experiência. Qualquer coisa que seja preciosa como o Evangelho de Jesus Cristo é digna de todos os esforços e sacrifício de tempo e de meios empregados para ensiná-la.

P: Acha que o missionário comum está tão instruído e espiritualmente preparado para uma missão quanto os do passado?

Élder Hinckley: É claro que minha experiência pessoal não atinge tão longe para que possa falar, de primeira mão, a respeito dos primeiros missionários da Igreja. Fiz missão há quarenta anos e, além desse tempo, sei apenas o que tem sido escrito. Tenho observado, ao trabalhar com jovens rapazes e moças na maioria das missões do mundo, que, de um modo geral, aqueles que saem, hoje em dia, para uma missão, são tão devotados e talvez melhor preparados do que os do meu tempo, há quarenta anos atrás.

P: As oportunidades são, atualmente, tão grandes quanto há quarenta anos?

Élder Hinckley: Acho que hoje as oportunidades são maiores. Temos, na maioria das missões, uma atmos-

fera muito melhor em que trabalhar. É diferente do que era há apenas quarenta anos. Parece haver menos fanatismo no mundo. Há mais tolerância. E algumas das igrejas maiores têm experimentado dificuldades em preencher as necessidades espirituais de seus membros. Há insatisfação entre um grande número de cristãos. Não estão felizes com o que têm e, portanto, respondem prontamente à mensagem do Evangelho restaurado.

P: E quanto à noção preconcebida que as pessoas têm da Igreja hoje em dia?

Élder Hinckley: Falando-se de maneira geral, a Igreja goza, na atualidade, de uma ótima reputação, particularmente na América do Norte. O antigo rancor nascido principalmente da ignorância, está-se dissipando. É claro que existem exceções geográficas específicas. Entretanto, a maioria das pessoas conhecem-nos como povo de integridade, fé e devoção aos princípios de Cristo. Muitos observam também a importância da família na sociedade atual, e tais pessoas ficam favoravelmente impressionadas com a ênfase que damos à família.

P: Qual foi a chave para esta nova compreensão?

Élder Hinckley: Há uma "abertura" maior hoje em dia do que jamais houve antes. As pessoas viajam mais, lêem mais e isto leva a uma compreensão melhor. A Igreja cresceu e, quanto mais cresce, mais pessoas se familiarizam conosco. Por estarmos em maior número, aparecemos mais. O programa de construção no mundo tem ajudado de maneira maravilhosa. Quando eu estava na missão, tínhamos bem poucos edifícios. Creio que tínhamos somente uma capela em todas as Ilhas Britânicas. Nossas bonitas capelas muito têm feito para melhorar a opinião do mundo sobre nós. Agora, a maioria dos membros e missionários têm um lugar para onde levar amigos e investigadores, e isto é uma grande vantagem. Além disso, a imprensa, o rádio e a televisão têm dado atenção ao nosso trabalho e têm noticiado com mais detalhes sobre nós e, portanto, mais favoravelmente.

P: Tem havido muita mudança nas normas atuais de fazer-se a obra missionária?

Élder Hinckley: Elas não mudaram muito, mas deu-se nova ênfase à responsabilidade de os membros participarem da divulgação do Evangelho. A correlação do Sacerdócio fornece o incentivo e os meios para coordenar o interesse e a obrigação dos membros de encontrarem investigadores, com a responsabilidade e capacidade dos missionários para ensinarem esses investigadores.

Comprendemos, há muito tempo, que o instrumento missionário mais poderoso é um bom membro da Igreja. Somos hoje em dia representados por pessoas de

todos os níveis de vida — homens e mulheres de preeminência, homens e mulheres de realização, homens e mulheres que são amplamente reconhecidos por sua capacidade e que são, também, homens e mulheres de fé na Igreja e orgulho por ela. E, é claro, tudo isto ajuda tremendamente na criação da boa imagem que a Igreja merece. É uma grande pedra de toque na disseminação do Evangelho.

P: Qual é o maior desafio com que se defrontam os missionários hoje em dia?

Élder Hinckley: O maior desafio com que se defronta o missionário hoje em dia é o de esquecer-se de si mesmo e entregar-se ao trabalho. Todos temos a tendência de ser um pouco egoístas, um pouco preguiçosos. Todos gostamos de conforto; entretanto, a diligência é o âmago da obra missionária. Isto não mudou desde a época do Salvador. Ele disse: "... qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, esse a salvará." (Marcos 8:35.) Isto é particularmente verdadeiro no que se refere ao trabalho missionário. O maior desafio sempre foi postar-se diante do Senhor em oração e pedir força, capacidade e diretrizes, e depois sair para fazer o trabalho. O Senhor declarou: "De sorte que, se os teus olhos forem bons (voltados para a minha glória), todo o teu corpo terá luz." (Mat. 6:22.) Se um missionário trabalhar com os olhos fitos na glória de Deus, então se afastam as trevas, a escuridão da preguiça, as trevas do pecado, a escuridão da procrastinação, as trevas do medo, e todos esses são fatores que influenciam a obra missionária.

P: A missão é para todos?

Élder Hinckley: Eu não diria que uma missão de tempo integral é para todos. O trabalho missionário é rigoroso. É exigente. É difícil. Nunca foi fácil, nem nunca o será. Exige força corporal, força mental e força espiritual. Precisamos encarar o fato de que há alguns poucos que não devem tentar fazer uma missão de tempo integral. Aqueles que não podem, não se devem sentir desanimados, porque alguma incapacidade não lhes permite ir. Devemo-nos lembrar de que há muitas maneiras de servir ao Senhor de forma aceitável.

Sinto, entretanto, de maneira acentuada, que todo membro da Igreja deve viver de modo que seja digno de fazer uma missão e pregar o Evangelho aos outros. Então, é claro, precisamos aceitar o julgamento de nossos líderes da Igreja com relação às nossas qualificações. Se o bispo achar que seria melhor não sair em missão, devemos aceitar esse julgamento e prosseguir, fazendo as coisas que podemos. Há muitos meios de ajudar na edificação do reino. Se todo jovem tentar equipar-se para o trabalho missionário, estará mais qualifi-

cado para ensinar o Evangelho, quando se apresentar a oportunidade em seu viver diário normal.

P: O senhor acha que as moças devem planejar fazer missão?

Élder Hinckley: As moças que o fazem, prestam um serviço inestimável. São missionárias eficientes. Mas, ouvi o Presidente David O. McKay dizer em muitas ocasiões: "A obra missionária, é, principalmente, uma responsabilidade do Sacerdócio, e, como tal, toca principalmente aos seus portadores." A melhor missão que uma moça pode realizar é casar-se com um bom rapaz na casa do Senhor e constituir-se mãe de uma boa família." Mas repito, precisamos de algumas missionárias. Elas realizam um grande trabalho.

P: Parece haver mais a ser dito sobre uma missão



do que "foram os dois melhores anos de minha vida". Não é verdade que uma coisa tão profunda não acontece simplesmente com facilidade ou por si mesma?

Élder Hinckley: Acho que posso dizer com segurança que, para muitos jovens, a missão representa o maior desafio que poderão enfrentar. Receberam a designação de sair por um mundo que, em sua maior parte, é indiferente à mensagem deles. Estão na rua trabalhando em qualquer tipo de tempo. Têm que ajustar-se a novas condições de vida, estão a grande distância de casa, tendo sido tirados de uma vida social normal. Todas estas coisas são difíceis. A situação toda exige enorme ajustamento e autodisciplina, além de fé e humildade. Sentem a necessidade de ajoelhar-se e de pedir ajuda ao Senhor. Proveniente de tudo isto advém uma qualidade que lhes é inestimável, não apenas durante sua missão, mas também durante toda a vida. Todos nós precisamos cultivar a autodisciplina e a integridade, e não existe nenhum lugar na terra que seja como uma missão para edificar estas qualidades.

P: E os que ficam em casa? Como um irmão, irmã ou amigo podem ajudar melhor um missionário?

Élder Hinckley — Em primeiro lugar deve haver correspondência de casa.

Algumas famílias têm dificuldades em escrever cartas, e meu coração se entristece com o missionário que não recebe regularmente correspondência de casa. Em geral, uma carta por semana é uma boa regra. Mas, por outro lado, correspondência demais pode não ser favorável ao moral de um missionário. Para ser um missionário eficaz, ele deve afastar-se de casa; assim, o tipo de carta que recebe ocasionará uma grande diferença naquilo que faz e em como se sente. As cartas que trazem problemas domésticos, que só falam em dificuldades, abatem seu ânimo. Os missivistas conscientes certificar-se-ão de declarar seus sentimentos positivos — como estão orgulhosos de terem um missionário no campo, como o Senhor os está abençoando por causa de seu trabalho no ministério. Tais cartas abençoam a vida de um missionário.

P: Como os amigos podem ajudar?

Élder Hinckley: É uma coisa natural que os missionários devam ter amigos. Aqueles que escrevem cartas de encorajamento, ajudam imensamente aos missionários.

P: O senhor foi um missionário e também pai de missionários. Como é que a pessoa se sente tendo um filho no campo missionário?

Élder Hinckley: Não há nada como ter um filho no campo missionário. Você espera com ansiedade pela carta semanal. Alegra-se ao partilhar das experiências que ele está tendo no campo. Ter um filho na missão

faz maravilhas por uma família que está em casa.

P: Ouvimos freqüentemente que a missão é uma boa influência na vida de uma pessoa. Há ocasiões em que o senhor se lembra de algo que aprendeu em sua missão?

Élder Hinckley: Qualquer missionário que capta o espírito do trabalho aprende várias coisas e desenvolve muitas qualidades que, se cultivadas, serão de valor inestimável durante toda sua vida.

Ele desenvolve autodisciplina. Haverá qualidade mais desejável do que esta na vida de um jovem? Ele aprende a importância do trabalho, de levantar-se pela manhã e pôr mãos à obra. Aprende a colocar as primeiras coisas em primeiro lugar. Ele desenvolve equilíbrio e capacidade para encontrar e falar com as pessoas. Sobrepuja muitos temores que afligem a maioria das pessoas. Desenvolve a iniciativa e o desembaraço.

Vem a saber que, de forma muito real, as orações são ouvidas e respondidas. Desenvolve uma afeição maior por seu pai e mãe. Cresce em seu coração um senso de agradecimento. Um espírito de dedicação e despreendimento torna-se parte de sua natureza.

Mais importante do que tudo, ele aprende a conhecer e amar seu Pai Celestial e o Senhor Jesus Cristo, e com essa convicção presta testemunho de sua realidade viva. Essas disciplinas e este conhecimento abençoarão toda sua vida e a daqueles que o cercarem, se continuar a cultivá-los.

P: Com toda sua experiência, trabalhando com missionários, o senhor acha que desenvolveremos meios novos e tecnologicamente mais eficientes para converter pessoas?

Élder Hinckley: Temos sempre empregado uma tecnologia moderna. O mundo não o reconhece, mas ele está presente — o poder do Espírito Santo. Decerto, temos necessidade de auxílios e os estamos desenvolvendo constantemente, para ajudar melhor os missionários em seu trabalho, mas, em última análise, o trabalho missionário é uma questão de olhar bem dentro dos olhos da pessoa e prestar testemunho com alma. Esse testemunho pode ser transmitido pelo Espírito diretamente de um coração para o outro. Este é o verdadeiro processo de conversão. Haverá novos meios de ensinar, haverá novos meios de encontrar pessoas, mas a conversão virá através do poder do Espírito por parte daquele que testifica, e no âmago daquele que ouve. Uma pessoa sabe, através do testemunho do Espírito, que o Evangelho é verdadeiro. É o único meio pelo qual ela sabe. Esse foi sempre o caso. Sempre será assim: É a soma e a substância de todo o processo missionário. "As coisas de Deus são compreendidas pelo Espírito de Deus."

Muitas Almas Estavam Esperando

por Wilford Woodruff

Ide março de 1840 era meu aniversário, quando fiz trinta e três anos. Sendo domingo, preguei duas vezes a uma grande assembléia, durante o dia, na prefeitura da cidade de Hanley (Inglaterra) e administrei o sacramento aos santos.

A noite, reuni-me novamente com uma grande assembléia de santos e estranhos, e, enquanto cantávamos o primeiro hino, o Espírito do Senhor pousou sobre mim. E a voz do Senhor me disse: "Esta é a última reunião que você realizará com estas pessoas durante muitos dias."

Fiquei maravilhado com isto, pois tinha muitos compromissos nesse distrito.

Quando me levantei para falar à congregação, disse-lhes que era a última reunião que deveria realizar com eles durante muitos dias. Ficaram tão espantados como eu.

Ao término da reunião, quatro pessoas apresentaram-se para o batismo e entramos na água, batizando-as.

Pela manhã, fui secretamente à presença do Senhor e perguntei-lhe qual era sua vontade a meu respeito.

A resposta que recebi dizia-me que eu deveria ir para o sul, pois o Senhor tinha um grande trabalho para eu realizar ali, pois muitas almas estavam esperando pela palavra do Senhor.

No dia 3 de março de 1840, em cumprimento à palavra recebida do Senhor, embarquei para Wolverhampton, a cerca de quarenta quilômetros, e ali passei a noite.

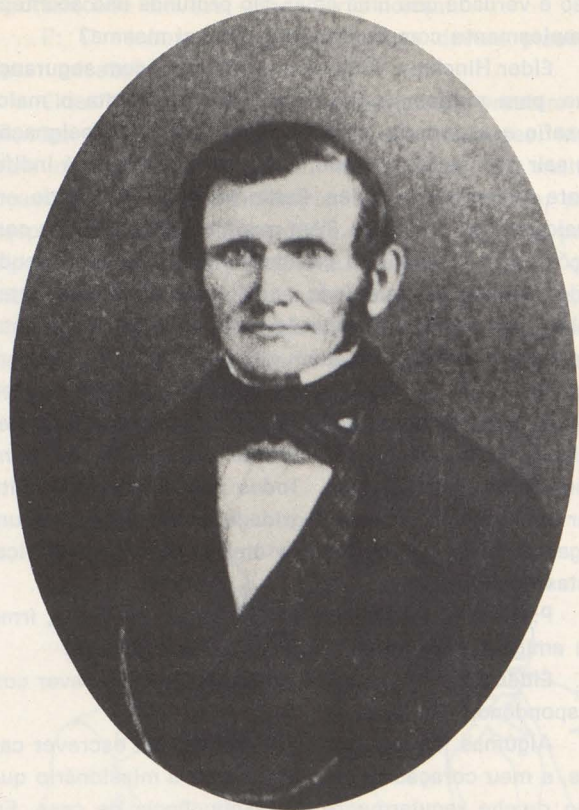
Na manhã do dia quatro, embarquei novamente e passei por Dudley, Stourbridge, Stourpot e Worcester; andando então alguns quilômetros até a casa do Sr. John Benbow, Fazenda Hill, Castle Frome, Ledbury e Herefordshire. Esta era uma região agrícola ao sul da Inglaterra, que nunca havia sido visitada por um élder SUD.

Descobri que o Sr. Benbow era um rico fazendeiro, que cultivava trezen-

tros acres de terra, e era dono de uma mansão e possuía muitos recursos. Sua esposa, Jane, não tinha filhos.

Apresentei-me a ele como um missionário da América, um élder da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que lhe havia sido enviado por mandamento de Deus, como mensageiro da salvação, para pregar o Evangelho da vida a ele e sua casa, assim como aos habitantes daquela terra.

O Sr. Benbow e sua esposa receberam-me com coração alegre e ações de graça. Eu chegara durante a noite, após ter viajado 77 quilômetros de carruagem e a pé durante o dia; mas, depois de comer e beber alguma coisa, sentamo-nos, reunidos, e conversamos até às duas horas da madrugada.



O Sr. Benbow e sua esposa rejubilaram-se grandemente com as boas novas que eu lhes trazia da plenitude do Evangelho eterno, que Deus havia revelado através da boca de seu profeta, Joseph Smith, nestes últimos dias.

Rejubilei-me sobremaneira com as notícias que o Sr. Benbow me deu, de que havia um grupo de homens e mulheres — chegando a mais de seiscentos — que se havia afastado dos metodistas wesleianos e tomado o nome de Irmãos Unidos. Tinham, entre eles, quarenta e cinco pregadores, e possuíam também capelas e muitas casas que eram legalmente licenciadas para que nelas houvesse pregação.

Este grupo dos Irmãos Unidos estava procurando luz e verdade, mas tinham ido até onde podiam e estavam freqüentemente pedindo ao Senhor que lhes apontasse o caminho e enviasse luz e conhecimento, para que pudessem saber o meio correto de serem salvos.

Quando ouvi estas coisas, pude ver claramente por que o Senhor me ordenara, quando estava na cidade de Hanley, a sair daquele lugar de trabalho e ir para o sul, pois em Herefordshire havia um grande campo pronto para a ceifa, pronto para levar muitos santos ao reino de Deus.

Recolhi-me à cama com alegria, depois de oferecer minhas orações e ações de graça a Deus, e dormi docemente até o levantar do sol.

Levantei-me, na manhã do dia 5, tomei o desjejum e disse ao Sr. Benbow que gostaria de iniciar os negócios do meu Mestre, pregando o Evangelho ao povo.

Ele tinha, em sua casa, uma grande sala que era licenciada para pregação e enviou recados à vizinhança, dizendo que um missionário americano pregaria, naquela noite, em sua casa.

Ao aproximar-se a hora, muitos dos vizinhos chegaram, e fiz meu primeiro sermão sobre o Evangelho naquela casa. Também preguei na noite seguinte, no mesmo lugar, e batizei seis pessoas, incluindo o Sr. John Benbow e sua esposa, e seis pregadores dos Irmãos Unidos.

Despendi a maior parte do dia seguinte limpando uma fonte, preparando-a para fazer batismos, pois vi muitos que seriam ali batizados. Depois, batizei seiscentas pessoas naquele tanque.

Domingo, dia oito, preguei pela manhã em Frome Hill, à tarde em Stanley Hill e à noite, na Fazenda Hill, de John Benbow.

A igreja da paróquia existente na vizinhança da casa de Irmão Benbow, presidida pelo pároco, teve uma freqüência de apenas quinze pessoas, ao passo que eu tive uma grande congregação, estimando-se o número em mil, assistindo à reunião de dia e à noite.

Quando, à noite, me levantei para falar na casa do Irmão Benbow, entrou um homem e informou-me que era um policial e que havia sido enviado pelo pároco da igreja com um mandado de prisão contra mim.

Perguntei-he: Por que crime?

Disse ele: Por pregar às pessoas.

Eu lhe expliquei que, assim como o pároco, tínhamos licença para pregar o Evangelho ao povo, e que se ele se sentasse, eu o atenderia depois da reunião.

Ele pegou uma cadeira e sentou-se atrás de mim. Ensinei os primeiros princípios do Evangelho durante uma hora e um quarto. O poder de Deus repousou sobre mim, o Espírito encheu a casa e o povo se convenceu.

Ao término da reunião, abri a porta para o batismo e sete pessoas se ofereceram. Entre elas, estavam quatro pregadores e o policial.

Este último se levantou e disse:

Sr. Woodruff, eu gostaria de ser batizado.

Disse-lhe que gostaria de batizá-lo. Entrei no tanque de água e batizei os sete. Reunimo-nos, então, e confirmei treze, partindo o pão para os santos. E todos juntos nos regozijamos.

O policial foi ao pároco e disse-lhe que se queria que o Sr. Woodruff fosse preso por pregar o Evangelho, teria que cumprir o mandado ele mesmo, pois o havia ouvido pregar o único sermão verdadeiro sobre o Evangelho que já ouvira em sua vida.

O pároco não sabia o que fazer. Assim, enviou dois sacristãos da Igreja da Inglaterra como espíões, para assistir à nossa reunião e descobrir o que pregávamos.

Mas ambos foram tocados no coração e receberam alegremente a palavra do Senhor, sendo batizados e confirmados membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O pároco ficou alarmado e não ousou enviar ninguém mais.

Os ministros e párcos do sul da Inglaterra convocaram uma convenção e enviaram uma petição ao arcebispo de Canterbury para sollicitar ao Parlamento que passasse uma lei proibindo os mórmons de pregarem no domínio britânico.

O pároco declarava, nessa petição, que um missionário mórmon havia batizado mil e quinhentas pessoas, a maioria membros da igreja inglesa, durante os últimos sete meses.

Mas, o arcebispo e o conselho, bem sabendo que as leis da Inglaterra davam livre tolerância a todas as religiões sob a bandeira inglesa, responderam aos solicitantes que, se tivessem tanto interesse pelo valor das almas quanto tinham pelo solo onde corriam lebres, raposas e cães de caça, não perderiam tantos de seu rebanho.

Continuei a pregar e batizar diariamente.

Missionários Da História Da Igreja

por Leonard J. Arrington
Historiador da Igreja

Brigham Young

Os antigos missionários da Igreja deram exemplos de fé e diligência que ainda são modelos para os atuais missionários e missionários em perspectiva.

Brigham Young escreveu em seu diário:

"Saí de Montrose em minha missão para a Inglaterra. A saúde estava tão debilitada, que não consegui andar os cento e cinquenta metros até o rio sem ajuda. Depois de cruzar o rio, consegui que Israel Barlow me levasse na garupa de seu cavalo até a casa de Heber C. Kimball, onde fiquei acamado até o dia 18. Deixei minha esposa enferma, com um bebê de apenas dez dias, e todos os filhos tão doentes, que não podiam cuidar uns dos outros..."¹

Joseph F. Smith era o pai de nosso último profeta, Joseph Fielding Smith, e presidente da Igreja durante os primeiros anos deste século. O pai de Joseph F. era Hyrum Smith, que fora assassinado na Cadeia de Carthage juntamente com o Profeta Joseph. Embora algumas pessoas possam ter achado que ele deveria permanecer



para cuidar de sua irmã, Joseph F. apresentou-se para uma missão. Foi chamado para ir ao Havaí, ou Ilhas Sandwich, como então eram chamadas. Quando ali chegou, soube que os missionários anteriores quase haviam desistido completamente da tentativa de pregar o Evangelho. Não tinham sucesso com os **haole**, os brancos, e, quanto aos **kanakas**, os nativos, nem ao menos conseguiam aprender sua difícil língua, nem vê-los como bons membros da Igreja. Entretanto, Joseph era jovem bastante para aprender a língua dos nativos e para ver, por baixo dos costumes diferentes dos havaianos, doce o espírito que possuíam. Ele escreve a respeito de como "senti-me resolvido a permanecer ali, dominar a língua e admoestar o povo dessas ilhas, ainda que tivesse de fazê-lo sozinho."²

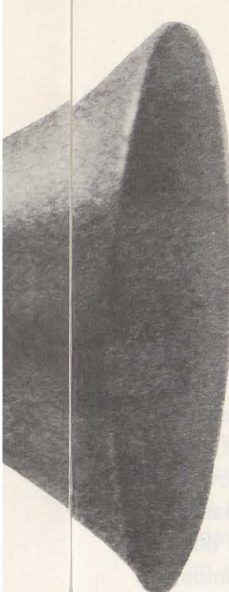
Joseph aprendeu a língua e pregou aos havaianos e, ao fazê-lo, recebeu uma renovação espiritual. Depois de poucos meses de sua chegada ao Havaí, escreveu a um parente na Cidade do Lago Salgado:

"Sei que o trabalho em que estou engajado é a obra do Deus vivente e verdadeiro, e estou pronto para prestar meu testemunho disso a qualquer tempo, ou em qualquer lugar, ou em qualquer circunstância em que possa ser colocado."³



Joseph F. Smith

Quando escreveu isto, não podia saber a estranha "circunstância" em que se encontraria. O armazém em que ele e outros dos missionários guardavam suas roupas, pegou fogo. Todas as suas vestimentas foram destruídas, excetuando-se a que estava



no corpo. Durante algum tempo, Joseph e seu companheiro tiveram apenas um terno respeitável para os dois, de forma que um tinha que ficar na cama, enquanto o outro vestia o terno e ia para a reunião!⁴

A velha piada missionária de que um élder tem que perder sua namorada ou seu cabelo como um dos “preços” de sua missão, pode ter alguma base na calorosa e divertida história contada por outro dos grandes e valorosos servos da Igreja antiga, Heber C. Kimball. O Irmão Kimball era calvo, mesmo quando ainda jovem. O pessoal costumava amolá-lo por causa de sua calvície e, uma vez, ele explicou como perdera seu cabelo. Parece que logo depois de se unir à Igreja, enquanto ainda era muito jovem, foi chamado para uma missão na Nova Escócia. Viajou todos os 2 400 Km desde sua casa em Nova Iorque a pé, com a valise nas costas.

“Logo depois que comecei, descobri que era bem ignorante, embora eu já o soubesse antes, mas reconheci-o melhor depois de haver iniciado. Comecei a estudar as Escrituras... e tinha tão pouco conhecimento, que o exercício do estudo começou a dilatar minha cabeça e abrir meus poros de tal maneira, que meus cabelos caíram; e se vocês

deixarem que suas mentes se expandam como aconteceu com a minha, também não terão cabelos na cabeça.”⁵

Outro dos grandes missionários da Igreja, que mais tarde se tornou um apóstolo, foi Parley P. Pratt. Em 1830, Parley estava com 23 anos e servia como missionário em Ohio. No transcorrer de uma de suas viagens, foi



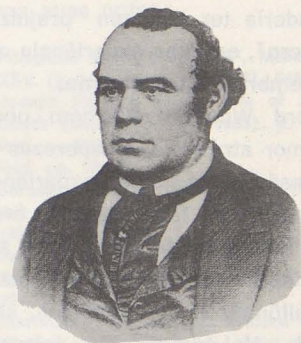
Heber C. Kimball

preso sob falsa acusação e levado a julgamento. Condenado a pagar pesada multa, não tinha dinheiro; assim, o juiz condenou-o à prisão. Era tarde da noite e não havia tempo suficiente para viajar para a prisão, que ficava a vários quilômetros de distância, e assim, Parley foi levado por um oficial a um hotel, a fim de passar a noite.

Depois do descanso noturno e do desjejum, ele foi levado à praça pública pelo oficial escoltante, Sr. Peabody, pronto para ser levado para a prisão. Aqui está o episódio da maneira como Parley o narrou:

“Eu disse: — Sr. Peabody, o senhor é bom na corrida? — Não, disse ele, mas meu grande buldogue o é, e foi treinado para ajudar-me em meu cargo durante estes vários anos; ele derrubará qualquer homem a uma ordem minha. Bem, Sr. Peabody, o senhor me obrigou a andar uma milha. Eu andei duas com o senhor. Deu-me oportunidade de pregar, cantar e também me entretive com alojamento e desjejum. Agora eu preciso continuar minha viagem; se é bom na corrida, pode acompanhar-me. Agradeço-lhe por toda sua bondade — até logo, senhor.”

Parley, então, disparou numa cor-



Parley P. Pratt

rida desabalada. Quando o Sr. Peabody se refez do seu assombro e pôde agir, Parley havia corrido uns 200 metros, saltado uma cerca e atravessava em disparada um campo em direção à floresta. O oficial foi gritando atrás dele e incitou seu grande cachorro a agarrá-lo. O cão alcançou Parley em pouco tempo, e estava prestes a agarrá-lo quando Parley, num momento de inspiração, esticou o braço e apontou para a floresta, imitando, durante todo o tempo o oficial, gritando: "Stu-Boy."

"O cachorro passou apressadamente por mim com velocidade redobrada rumo à floresta, sendo instigado pelo oficial e por mim, e ambos de nós correndo na mesma direção. Ao chegar à floresta, logo perdi de vista o oficial e o cachorro, e, desde aí, não os vi mais."⁶

Ninguém poderia tê-lo avisado quanto ao perigo em que sua missão o colocaria, mas, uma vez ali, ele não deixou de reconhecer o humor de sua situação, transformando o que poderia ter sido um "prejuízo" em "lucro", em uma experiência que seria lembrada alegremente.

Wilford Woodruff também podia ver humor através das asperezas de sua missão. Fala de sua experiência em janeiro de 1830, quando tinha vinte e sete anos de idade. Ele e seu companheiro caminharam noventa e seis quilômetros em dois dias, sem alimento. No primeiro dia, defrontaram-se com um urso, perderam-se, foram seguidos por lobos e, finalmente, tarde da noite, chegaram a uma cabana onde nada lhes foi dado



Wilford Woodruff

para comer, embora lhes permitissem dormir no chão. Este, escreve Élder Woodruff, foi "o dia de trabalho mais duro de minha vida." Na manhã seguinte, eles andaram dezenove quilômetros na chuva, até a casa de um homem que, descobriram, tinha estado com a turba que expulsara os santos de seus lares no Condado de Jackson, Missouri, um ano atrás. Ao chegarem à cabana a família do homem estava sentada para fazer o desjejum. Lê-se no relato do Élder Woodruff:

"Naqueles dias, era costume dos missourianos convidá-lo para comer, ainda que lhe fossem hostis. Por isso, ele nos convidou para tomar o desjejum... O homem sabia que éramos mórmons; e assim que começamos a comer, iniciou as blasfêmias com relação aos mórmons. Havia uma grande travessa de ovos com "bacon" e bastante pão na mesa, e

suas blasfêmias não atrapalharam nossa refeição, pois, quanto mais ele blasfemava, mais comíamos, até que enchemos o estômago; então, levantamo-nos da mesa, pegamos nossos chapéus e lhe agradecemos pelo desjejum. A última vez que o ouvimos, ele ainda estava blasfemando. Confio em que o Senhor o recompensará por nosso desjejum."⁷

Um exemplo final da dedicação que age sob o fundamento da fé é encontrado na vida de Matthew Cowley. Ele estivera freqüentando a Universidade dos Santos dos Últimos Dias, na Cidade do Lago Salgado, mas, ao terminar os primeiros anos, decidiu que não desejava voltar à escola no ano seguinte; em vez disso, desejava partir para uma missão. Tinha apenas dezessete anos, mas foi chamado e logo estava a caminho da Nova Zelândia para trabalhar com os maoris.

Em seu diário, o Élder Cowley conta como seus melhores companheiros eram as pulgas, visto que sempre permaneciam fielmente perto dele. Aqui está uma das coisas que escreveu:

"Depois da **Karakia** (oração) feita à noite, fui para meu quarto, e antes de ir para a cama, fortifiquei-me contra as pulgas. Esfreguei inseticida em pó por todo o corpo e coloquei uma camada dele sobre a cama. Cria que isto as estupefaria... Ao levantar-me e olhar para a cama (na manhã seguinte), encontrei as carcaças de uma multidão de pulgas e isto me fez sentir como Napoleão por ser o vencedor de tal batalha."⁸

O Élder Cowley teve que aprender a língua desde o início, é claro, e, durante os três primeiros meses, ficou sem companheiro. Ia ao bosque todas as manhãs às seis horas, a fim de estudar o Evangelho e a língua e para jejuar e orar. Ali ele permanecia durante onze horas por dia. Dentro de três meses, estava pronto para levantar-se diante de um grupo de nativos e pregar o Evangelho na língua deles, e, como diz ele: "Havia, em meu peito, um ardor como eu nunca senti antes ou depois daquela época em minha vida."



Matheu Cowley

Parece muito óbvio, com base em suas experiências, que esses missionários não tomaram suas decisões fundamentando-se nas mesmas coisas em que um economista se baseia para tomar decisões. Um economista aprende a fundamentá-las num sistema de valores nos quais os custos são pesados contra os benefícios. A calvície, as pulgas e a fome não seriam incentivos para um economista deixar sua casa e sua família. No entanto, decidir-se a uma missão repousa em uma base sadia de custo-benefício, se a pessoa seguir o método descrito por Parley P. Pratt.

Um ano antes do acontecimento relatado, antes mesmo que ele tivesse ouvido falar nos santos dos últimos dias, Parley era recém-casado, tinha uma fazenda de cinquenta acres, uma casa confortável, um pomar em produção e um belo jardim. Mas, sentia que algo estava faltando. Estudou a Bíblia e desejou saber mais; deveria haver uma restauração do Evangelho, cria ele. Ele não sabia que a restauração já havia ocorrido, mas decidiu deixar sua fazenda e seu lar, a fim procurar a verdadeira Igreja. Seu irmão mais velho, William, advertiu-o. Como você viverá? perguntou ele. Parley disse-lhe que tinha uma suficiente conta bancária para sustentar a ele e à família. Esse fundo, disse ele, era "fundamentado em um capital que nunca fracassará, ainda que passem o céu e a terra". Seu irmão quis cientificar-se. Parley registra:

"Destranquei meu cofre e de lá tirei um grande livro de anotações, cheio de notas promissórias como a seguinte: "E todo aquele que tiver deixado pai ou mãe, irmãos ou irmãs, casas ou terras, mulher ou filhos, por amor a mim ou ao Evangelho, receberá cem vezes tanto, nesta vida e, no mundo vindouro, a vida eterna." "Se habitardes em mim, e minhas palavras habitarem em vós, pedireis o que quiserdes em meu nome, e eu vos darei." "Todas as coisas são possíveis àquele que crê."⁹

Parley perguntou então a ele se essas notas eram genuínas, se o seu "signatário", o Senhor Jesus Cristo, era capaz de cumprir suas promessas e desejava fazê-lo. Sim, foi a única resposta que William pôde dar. Assim, em agosto de 1830, Parley acertou seus negócios e, com dez dólares no bolso, levou sua esposa e saiu a procura do reino de Deus.

Ele descobriu, como podem fazê-lo todos os missionários, que o Senhor paga suas notas.

1 "Brigham Young's History", Millennial Star, XXV (3 de outubro de 1863), 646.

2 Joseph Fielding Smith, Life of Joseph F. Smith (Salt Lake City, 1938). p. 170.

3 Ibid. p. 176.

4 Ibid. pp. 183-4.

5 Sermão de 28 de setembro de 1856, Journal of Discourses (26 vol., Liverpool, 1854-1886), IV, 107.

6 Parley P. Pratt. Autobiography of Parley Parker Pratt (Salt Lake City, 1966), pp. 50-51.

7 Matthias F. Cowley, ed. Wilford Woodruff: History of His Life and Labors (Salt Lake City, 1909), p. 50; "History of Wilford Woodruff", Deseret News, 7 de julho de 1858, p. 82.

8 Henry A. Smith, Matheu Cowley: Man of Faith (Salt Lake City, 1954), p. 48.

9 Autobiography, pp. 50-51.

Ensinar o Evangelho: nosso dever mais importante

Partilhar As Riquezas Incompreensíveis De Cristo

Presidente Rex D. Pinegar
Do Primeiro Conselho dos Doze

Meus queridos irmãos e irmãs: É um grande privilégio estar aqui, com vocês, nesta ocasião. Trago-lhes saudações do maior grupo de missionários do mundo. É algo maravilhoso trabalhar entre eles e sentir a força do Senhor à medida que ele obra através deles e dos santos, para levar o Evangelho de Jesus Cristo a seus filhos.

A bênção de partilhar da mensagem do Evangelho é asombrosa. Sou frequentemente engolfado pelos sentimentos que imagino ter Paulo experimentado, quando escreveu aos santos de Éfeso a respeito de seu chamado para servir ao Senhor:

"Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado..."

"A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do Evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo.

"Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,

"No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele.

"Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor



Jesus Cristo." (Ef. 3:7-8, 11-12, 14.)

Este mesmo sentimento de humilde agradecimento parece preencher o coração de todo membro e missionário que participa da divulgação do Evangelho. Quando vemos a paz e certeza que advêm àqueles que recebem o Evangelho, conscientizamos-nos mais do grande dever e oportunidade que temos de partilhar o Evangelho restaurado de Jesus Cristo com nossos amigos e vizinhos, nossos irmãos e irmãs.

O Senhor tem falado claramente a respeito desta responsabilidade sagrada e da condenação que repousa sobre os membros de sua Igreja em caso de fracassarmos em cumprir

este mandamento. No dia 23 de setembro de 1832, tendo dado mandamento aos Doze relativo a pregar o Evangelho, o Senhor então declarou:

"E esta revelação e mandamento a vós, entra em vigor desta hora em diante para o mundo todo, e o Evangelho é para todos os que não o tenham recebido.

"Mas, na verdade eu digo a todos aqueles a quem foi dado o reino — por vós deverá ser pregado a eles..." (D&C 84:75-76.)

Joseph Smith disse que o maior e mais importante dever que temos é o de ensinar o Evangelho aos outros. Declarou a mesma coisa a respeito de fazer o trabalho pelos mortos. Cada uma dessas atividades possibilita a outras pessoas as bênçãos de participarem como membros no reino de Deus.

Cumprir esta designação sagrada de "prevenir o seu próximo" traz alegrias inexprimíveis tanto para o receptor como para o doador. Muitas famílias em toda a Igreja estão experimentando as alegrias de fazer este trabalho dos mais importantes. Elas não estão apenas "armazenando para que não pereçam", mas também aju-

dando nossos irmãos e irmãs não-membros a se tornarem elegíveis para receber essas mesmas bênçãos. Estão descobrindo que o trabalho missionário não é uma tarefa, mas uma oportunidade gloriosa de ajudar o Senhor em seu maior trabalho — o de salvar as almas dos homens.

Há muitos modos pelos quais uma pessoa pode ajudar os outros a encontrarem o Senhor. A família Junqueira ajudou o Senhor, preparando um exemplar do Livro de Mórmon com a foto de sua família e seu testemunho na parte de dentro da capa da frente. Convidou, então, os missionários a irem ao seu lar para conhecer seus amigos íntimos, os Bragas. No dia seguinte, os missionários apresentaram-lhes esse exemplar do Livro de Mórmon como um presente da família Junqueira. Os Bragas ficaram tão gratos pelo presente, que concordaram em ler, ponderar e orar a respeito deste maravilhoso livro de Escritura. Eles o fizeram. Os élderes continuaram ensinando-os. A família Junqueira continuou a integrá-los. Hoje, toda a família Braga é membro da Igreja.

Os membros de um pequeno ramo pediram recentemente que fossem enviados missionários para trabalhar com eles na propagação do Evangelho naquela área. Achavam que podiam conseguir pelo menos cinco reuniões por semana para os missionários, com amigos e vizinhos interessados. Os membros têm encontrado muitos mais do que supunham, esperando ouvir sua mensagem. Durante os últimos três meses, os élderes realizaram de quatro a oito reuniões por dia. Tem havido tantas reuniões, que um dos missionários escreveu na parte de baixo de seu relatório semanal: "Prezado Presidente: Sinto muito. Temos estado tão ocupados ensinando, que não tivemos tempo de fazer

contatos de porta em porta; mas não se preocupe, faremos melhor na próxima semana!"

Esses missionários haviam despendido 65 horas naquela semana, ensinando a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo aos amigos que os membros haviam encontrado. Esse pequeno ramo progrediu imensamente em freqüência e no ensino familiar. Várias pessoas que haviam estado ausentes das reuniões da Igreja durante algum tempo, estão agora ativas. Através da participação dos membros, o trabalho missionário tornou-se a resposta para vários de seus problemas.

Há um dentista que compartilha o Evangelho em toda oportunidade — com o "auditório cativo" em sua cadeira, no posto de gasolina onde leva seu carro, no correio, até mesmo na casa de seu vizinho, quando este pede conselho quanto à maneira de administrar sua fazenda — em todo lugar. Ele diz que leu o Livro de Mórmon até compreender o amor e paz que os filhos de Mosiah sentiram quando foram pregar aos lamanitas. E, creio, ele tem o mesmo zelo deles.

Através de seus esforços durante o ano passado, os missionários foram apresentados a centenas de pessoas, e trouxeram quatro famílias para a Igreja. Este ótimo membro e seu companheiro no ensino familiar, prece-dem diligentemente os élderes e organizam reuniões. Ele acha que as pessoas o aceitam mais facilmente, porque é um habitante permanente da área. Novamente, a unidade entre membros e missionários tem trazido a luz e paz do Evangelho de Jesus Cristo à vida daqueles que procuram a verdade.

Outro membro, a muitos quilômetros de distância, partilhou do Evangelho correspondendo-se com um amigo em Richmond, Virgínia, E.U.A

Seguiu-se uma experiência maravilhosa. Um dia, dois missionários estavam batendo de porta em porta, em Richmond. Um havia estado doente; o outro sentia-se pouco à vontade, enquanto andavam pelas ruas, sabendo que seu companheiro não estava completamente bom. Entretanto, ambos desejavam perseverar.

Depois de duas horas de pouco sucesso, bateram em uma porta e se apresentaram como missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Oh, sim, replicou a mulher, foi Ana da Silva quem os mandou. Os élderes entreolharam-se, balançaram a cabeça, e então lhe disseram que estavam apenas batendo nas portas da vizinhança e que ninguém em particular os havia mandado visitá-la. Ela convidou-os a entrar; o marido e outros membros da família estavam presentes na sala.

Disse então algo aos missionários que fez com que eles se maravilhassem. Falou ela: Há apenas uma ou duas horas, acabei de ler uma carta que recebi hoje de minha melhor amiga. Um ano atrás, ela e seu marido foram convertidos à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e casaram-se, recentemente, no templo. Quando recebemos notícias a última vez, seu lar estava-se desmoronando e ela me confiara a triste situação. Mas hoje, recebi esta carta de dez páginas, explicando-me tudo sobre a sua Igreja, e da mudança maravilhosa que ocorreu em sua vida.

Permitiu aos missionários ler a carta, que falava, em seu conteúdo, da Sociedade de Socorro, Primária, Escola Dominical, AMM e muito mais. Leram, então, uma pequena nota ao pé da página, dizendo: "Enviarei dois missionários à sua casa, para ensinar-lhes mais a respeito da Igreja."

Depois de ouvir a mensagem dos élderes, ela disse, com lágrimas cor-

rendo pela face: — Creio que o Senhor os mandou para nós.

Quando os membros e missionários trabalham fervorosamente juntos, tornam-se como um e o Senhor pode usá-los para realizar seu propósito entre seus filhos. O Senhor havia unido os esforços deste membro devoto e desses missionários diligentes, para levar a esta família, instruções que, caso seguidas, lhes trarão alegria e paz acima da medida e a levará de volta à presença de nosso Pai Celestial.

Vivemos hoje em uma época de problemas e tumultos. Muitas pessoas encontram-se aturdidas, desencorajadas, confusas e procurando algo melhor. O Senhor forneceu aquele "algo melhor" no Evangelho de Jesus Cristo. Ele demonstrou seu amor e preocupação por nós em nossa época, aparecendo a um profeta, revelando o Livro de Mórmon e restaurando sua Igreja com sua autoridade e poder. Nós temos a verdade, a autoridade e o poder. É agora nossa responsabilidade individual e familiar, assim como nossa alegria, compartilhar estas bênçãos com os outros.

O Presidente Joseph Fielding Smith, ao dirigir-se à conferência da Igreja da área britânica, disse:

"Há apenas um plano de salvação. Há somente um meio de os homens obterem uma herança celestial de glória eterna, e este meio é abandonar o mundo, ter fé no Senhor Jesus Cristo, entrar em seu reino pela porta do batismo, receber o dom do Espírito Santo, e depois guardar seus mandamentos.

"Respeitamos os filhos de nosso Pai pertencentes a todas as seitas, partidos e denominações, e não temos outro desejo senão o de vê-los receber a luz e conhecimento adicionais que nos vieram através de revelação, e de se tornarem, conosco, herdeiros das grandes bênçãos da restauração do Evangelho.

"...ela disse com lágrimas correndo pela face: — Creio que o Senhor os mandou para nós."



"Mas temos o plano de salvação administramos o Evangelho; e o Evangelho é a única esperança do mundo, o único caminho que trará paz à terra e corrigirá os erros que existem em todas as nações." ("To the Saints in Great Britain", Ensign, setembro de 1971, pp. 3-4.)

Irmãos e irmãs, temos o encargo de partilhar as "riquezas incompreensíveis" de Cristo com todos os filhos do Pai Celestial. Somos abençoados por termos a promessa de Efraim de levar as bênçãos do Evangelho a eles. Que possamos guardar o mandamento de "pregar o Evangelho a todos eles" que ainda não receberam o reino, trabalhando unidos no grande esforço missionário do Senhor.

Cada um de nós pode dar um Livro de Mórmon a um amigo ou colega de trabalho, cada um pode convidar alguém para vir à sua casa e ser apresentado ao nosso Pai Celestial, cada um pode escrever uma carta a alguém, compartilhando o testemunho destas verdades reveladas e fazendo-lhes um convite para que recebam o plano do Senhor. Sim, quando vocês cultivarem o desejo de ser um missionário para o Senhor, ele abrirá o caminho.

Convidamos a todos os homens, em todas as partes, a que se juntem a nós, a fim de que possamos receber a bênção descrita por Paulo, quando escreveu que o Senhor, "segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior;

"Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor,

"Poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade,

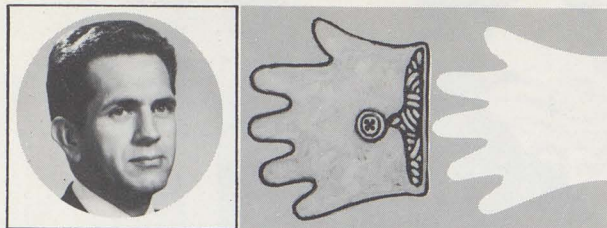
"E conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus.

"Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera,

"A esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre..." (Efé. 3:16-21.)

Declaro solenemente a vocês meu testemunho de que Jesus é o Cristo, que esta é a sua Igreja, e que o Presidente Harold B. Lee é seu profeta e vidente ungido em nossos dias, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Um Apóstolo Fala Às Crianças



Élder Boyd K. Packer

Crianças, há algo muito importante que quero dizer-lhes — algo de que, espero, vocês se lembrem sempre.

Vocês sabiam que viveram antes de nascer na terra? Antes de nascerem para seu pai e mãe, vocês viviam no mundo espiritual.

Vamos fazer de conta, meus amiguinhos, que minha mão representa o seu espírito. Está vivo. Pode mover-se por si mesmo.

Uma luva é como seu corpo. Não pode mover-se. Mas, quando seu espírito entrou no corpo de vocês, então puderam movimentar-se, agir e viver. Agora, são uma pessoa — um espírito com um corpo — que vive sobre a terra.

Enquanto está vivo, o espírito que se encontra dentro de seu corpo, faz com que ele funcione, aja e viva. Mas não se intencionava que ficássemos aqui na terra para sempre. Algum dia, devido à idade, a alguma doença ou um acidente, o espírito e o corpo serão separados. Quando isto acontece, dizemos que a pessoa morreu. A morte é uma separação — uma separação do corpo e do espírito.

Quando a luva, que é como o seu corpo, é tirada do seu espírito, não se pode mover mais. Simplesmente cai. Está morta. Mas, a parte de vocês que olha através de seus olhos e lhes permite pensar e sorrir, a agir e saber, e a ser, esta é seu espírito e esta é eterna. Não pode morrer.

Quando nosso Pai Celestial nos tornou possível vir a este mundo, tornou-nos também possível voltar para ele, pois é nosso Pai e nos ama. Não pensem que, por estarmos vivendo nesta terra longe dele, e por não podermos vê-lo, ele nos tenha esquecido.

Criancinhas, nosso Pai Celestial sabia que precisaríamos de ajuda. Assim, no seu plano,

ele providenciou que houvesse alguém para vir ao mundo e ajudar-nos para que possamos, algum dia, voltar a ele.

Este alguém foi Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele é um filho espiritual, como todos nós somos, mas Jesus é também o Filho Unigênito do Pai Celestial sobre a terra. E foi Jesus que nos tornou possível sobrepujar a morte. Tornou possível ao nosso espírito e corpo serem um novamente. Por causa dele, nós ressuscitaremos. Isto significa que nosso espírito e corpo se reunirão novamente. Este é um dom recebido dele. É por isso que ele é chamado de nosso Salvador, nosso Redentor.

Mesmo sendo muito jovens, vocês devem saber a respeito de outro tipo de separação — uma separação que é como uma segunda morte. Esta é uma separação espiritual de nosso Pai Celestial.

Precisamos aprender a mantermo-nos espiritualmente limpos, para que não sejamos separados de nosso Pai Celestial e possamos voltar a estar com ele, quando deixarmos esta vida terrena. Quando Jesus vivia na terra, ensinou que, se vivermos o Evangelho, permaneceremos espiritualmente limpos. Mesmo quando cometemos erros, há um meio de nos tornarmos limpos novamente. Isto é o arrependimento.

Haverá ocasiões em que vocês cometerão erros. Haverá tempos em que vocês imaginarão se podem viver da maneira que Jesus ensinou que deveríamos viver. Quando vocês forem provados, quando estiverem desapontados ou envergonhados, ou quando estiverem tristes, lembrem-se dele e orem ao Pai Celestial em seu nome.

Lembrem-se de que vocês são filhos de nosso Pai Celestial. Vocês viveram com ele antes de vir para esta terra. Vieram à terra para receber um corpo mortal e para serem provados. Nosso Pai Celestial nos ama, e temos um Senhor e Salvador. Podemos voltar a viver com ele novamente.

Agradeço a Deus por uma igreja onde vocês, nossas criancinhas, são mais preciosas do que todas as coisas. Agradeço a Deus por nosso Salvador, que deixou que as criancinhas viessem a ele. Ele é o Cristo! Ele nos ama! Oro por vocês, nossos pequeninos, e peço a ele que os abençoe.



Levanta-te e Anda

Todos os dias, as pessoas carregavam para o templo certo homem que era coxo de nascença. Colocavam-no na porta, para que pudesse pedir esmolas aos que ali entravam.

Um dia, Pedro e João, que tinham sido discípulos de Jesus enquanto ele vivia na terra, foram juntos ao templo na hora da oração. Quando o coxo os viu, chamou-os.

Pedro e João pararam. Voltaram-se e viram como o homem era coxo. Pedro lhe disse: "Olha para nós!"

O homem levantou os olhos para os discípulos de Jesus, esperando receber deles uma moeda.

Mas, ao invés disso, Pedro disse: "Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho, isso te dou: Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda."

Pedro, então, abaixou-se e tomou o homem pela mão direita, levantando-o. Veio imediatamente força para os pés e artelhos do homem, que haviam sido imprestáveis durante quarenta anos de sua vida. Ele levantou-se e andou, entrando no templo, saltando e louvando a Deus.

As pessoas que viram o coxo andando ficaram maravilhadas, porque ele sempre ficara sentado na porta do templo, esmolando. Não podiam entender o que acontecera, assim, reuniram-se à volta de Pedro, João e do homem curado, maravilhando-se com o milagre.

Quando Pedro os viu, perguntou: "Por que vos maravilhai disto? Ou, por que olhai tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem? Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este

está são diante de vós. Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados!"

Muitas das cinco mil pessoas que estavam na multidão acreditaram em Pedro. Mas os sacerdotes e líderes do povo ficaram zangados, quando o ouviram falar a respeito de Jesus Cristo e de sua ressurreição. Atiraram Pedro e João no cárcere.

No dia seguinte, Pedro, João e o homem que havia sido curado foram levados diante dos mesmos sacerdotes e legisladores que haviam julgado Jesus. Exigiram saber por meio de que poder e em nome de quem havia sido curado o coxo.

Pedro respondeu: "Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós."

Os oficiais não sabiam o que fazer. Reuniram-se e decidiram que não devia ser permitido a Pedro e João ensinar em nome de Jesus.

"Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus? Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido, responderam Pedro e João.

Os oficiais fizeram outra advertência aos discípulos e então deixaram-nos ir, pois não podiam encontrar motivo para retê-los.

Mais tarde, quando os seguidores de Jesus se reuniram, ficaram tão cheios do Espírito Santo, que o lugar onde se encontravam moveu-se.

E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e glorificaram a Deus pelo milagre que tornou possível ao coxo andar. (Atos 3-4:)

O Cavalo Marinho

Os cavalos-marinhos podem ter de 2,5 cm a 25 cm, desde a extremidade do focinho até a ponta do rabo, mas a maioria deles têm aproximadamente sete a dez centímetros de comprimento.

O rabo do cavalo-marinho é usado para enrolar-se nos objetos. Com ele, o cavalo-marinho pode agarrar-se aos seus irmãos e irmãs, aos corais, às raízes da vegetação ou às conchas.

Ele não tem dentes. Seu nariz comprido tem uma pequena saliência na extremidade, que se abre e se fecha rapidamente, apanhando outros pequenos animais ou vegetação marinhas.

A cor do cavalo-marinho pode variar de acordo com as mudanças de temperatura e ambiente, de marrom para preto ou para uma cor pálida, a fim de confundir-se com as plantas aquáticas e tornar mais difícil de ser visto.

O cavalo-marinho tem olhos estranhos. Não tem pálpebras. Seus olhos podem movimentar-se em direções diferentes ao mesmo tempo. Ver a comida à frente e também um bom petisco atrás deve tornar difícil a escolha sobre o que comer.

Uma outra coisa estranha na vida do cavalo-marinho é que a fêmea põe aproximadamente duzentos ovos durante o período de acasalamento na primavera ou verão. Daí, o macho carrega esses ovos em uma bolsa durante cerca de quarenta-e-cinco dias. Quando saem do ovo, os pequenos cavalos-marinhos são tirados dali para nadar por si próprios.

Una os pontos para encontrar um cavalo-marinho muitas vezes maior do que um verdadeiro.





Só
Por
Brincadeira

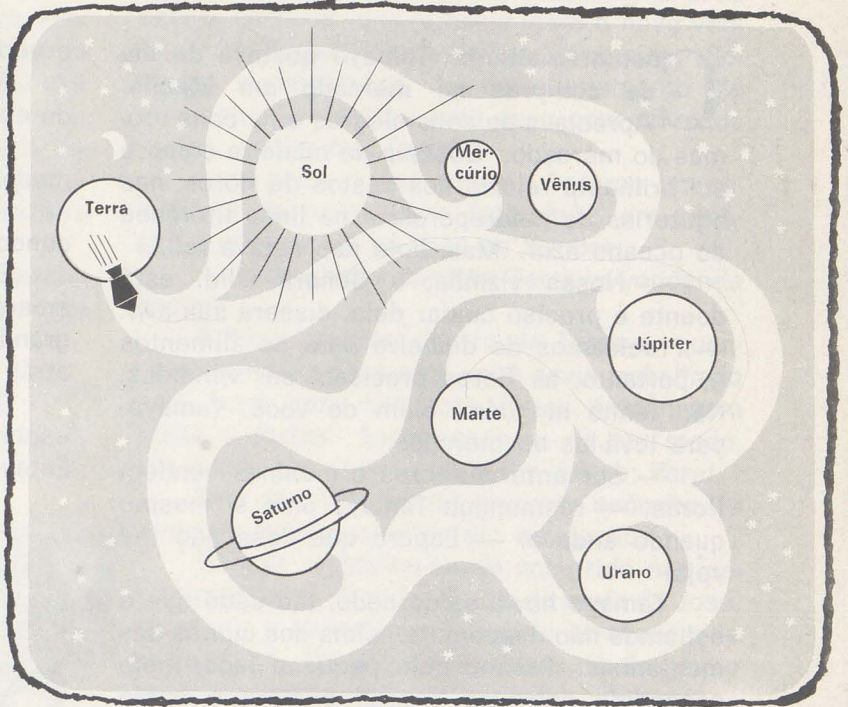


Quebra-Cabeças do Grande Casco
Preencha todos os espaços que tenham um ponto e encontre um réptil interessante.

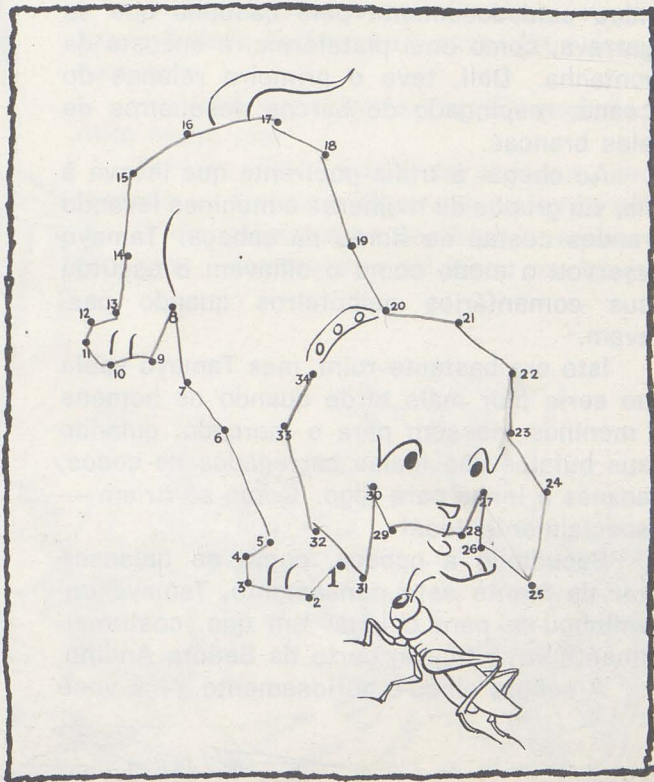


Viagem A Marte

Qual o caminho mais curto entre a Terra e Marte?



Quem Está Aqui?



O Vendedor De Flores De Maníla

Costumeiramente, Tamayo gostava do dia de compras no mercado em Manila. Apreciava os sons alegres e os bons aromas do mercado. Gostava da maneira como o sol brilhante reluzia nos cestos de flores, nas bijuterias de madrepérola e na linha litorânea do oceano azul. Mas, hoje não estava feliz.

— Nossa vizinha, a **Señora** Olid, está doente e preciso cuidar dela, dissera sua avó. — Precisamos de dinheiro para os alimentos e, portanto, as flores precisam ser vendidas. Não tenho ninguém, além de você, Tamayo, para levá-las ao mercado.

— Somente mulheres e meninas vendem flores, — resmungou Tamayo para si mesmo quando andava. — Espero que José não me veja!

Tamayo havia saído cedo, tão cedo que o sol ainda não despontara acima dos cumes das montanhas. Passou pelo pequeno lago, meio escondido entre as densas árvores e então andou cuidadosamente pelo caminho que se agarrava, como uma plataforma, à encosta da montanha. Dali, teve o primeiro relance do oceano, respingado de barcos pesqueiros de velas brancas.

Ao chegar à trilha poeirenta que levava à vila, viu grupos de mulheres e meninas levando grandes cestas de flores na cabeça. Tamayo observou o modo como o olhavam e escutou seus comentários galhofeiros quando passavam.

Isto era bastante ruim, mas Tamayo sabia que seria pior mais tarde quando os homens e meninos viessem para o mercado, guiando seus búfalos das Índias carregados de cocos, bananas e lenha para fogo. Como se ririam — especialmente José!

Sacudindo a cabeça, como se quisesse tirar da mente este pensamento, Tamayo encaminhou-se para o lugar em que, costumeiramente vovó ficava, perto da **Señora** Andino.

A **señora** olhou-o curiosamente. — É você

o vendedor de flores hoje? perguntou.

Tamayo sentiu seu rosto enrubescer, quando explicou polidamente: — Vovó não pôde vir.

— Você precisa arrumar as flores de modo bonito, — disse a **Señora** Andino.

— Da mesma forma como ela o faria, — concordou Tamayo.

Ele arrumou as margaridas vermelhas e amarelas, as belas rosas encarnadas e os grandes lírios brancos. Deu, então, um passo atrás para contemplar sua obra.

O arranjo não era tão bom quanto havia esperado, mas ele não sabia como melhorá-lo. Estava certo de que a **Señora** Andino o teria



ajudado, se já não estivesse ocupada com seus fregueses. Tudo o que Tamayo podia fazer era apenas esperar e desejar que alguém comprasse dele.

Quando os primeiros raios do sol apareceram por sobre os telhados feitos de folhas de palmeiras da vila, Tamayo ouviu o barulho dos cascos dos burros nos paralelepípedos da rua. Os homens e meninos vinham chegando! Tamayo recuou para um canto, desejando poder esconder-se e esquecer tudo o que se referia à venda de flores.

Repentinamente, a **Señora** Andino exclamou: — Veja! Lá está José, entrando, todo

empreado, na praça. Isto significa problemas para alguém.

O coração de Tamayo parecia ficar de cabeça para baixo. Sabia, pelo modo como José estava sorrindo, que já havia visto o novo vendedor de flores. Tamayo ficou arrasado. Somente a lembrança do desapontamento de vovó, se ele voltasse para casa com as mãos vazias, evitou que fugisse.

José parou à sua frente. Agarrou um ramalhete de margaridas, fazendo-as em pedaços e atirando-as ao chão ao zombar:

— Vejam só a menina Tamayo vendendo capim!

A fúria cresceu dentro de Tamayo, quando se lembrou de quanto vovó havia trabalhado para fazer com que suas flores crescessem belas e fortes. Esquecendo-se de ter medo, ele andou em direção a José e gritou: Pare!

Saia da minha frente, pequena **señorita**, — ordenou José, dando-lhe um empurrão.

Tamayo estatelou-se de comprido nos paralelepípedos. Ouviu a risada de mofa de José, enquanto o valentão prosseguiu atravessando o mercado. Tamayo levantou-se, esfregando seus machucados.

— Aquele José é um malvado, — resmungou a **Señora** Andino, com seus olhos escuros faiscando.

— Você ainda tem sorte. Ele poderia ter feito muito pior.

Tamayo olhou tristemente para sua camisa rasgada. — É mesmo. Espero que ele não volte.

O dia passou e as sombras foram-se estendendo. Finalmetne o sol levou sua luz para



traz do horizonte longinquo. O coração de Tamayo estava alegre: Ele havia vendido todas as flores e muitas moedas tilintavam em seus bolsos.

Vovó ficará feliz, pensou ele. Mas agora preciso apressar-me para chegar em casa antes que escureça. Repentinamente, Tamayo sobresaltou-se. **Supôs que José estivesse emboscado em algum lugar do caminho!**

Mas, a despeito de seus receios, Tamayo iniciou a caminhada poeirenta. A brisa estava fresca, depois do calor do dia, ele podia senti-la atravessando sua camisa rasgada, enquanto andava pesadamente pelo caminho de patamares na encosta do monte.

Tamayo estava passando pelo pequeno lago entre as árvores, quando um grito próximo fê-lo estacar. Ficou quieto, prestando atenção. — Talvez tenha sido apenas o vento, — disse finalmente. — Ou um pássaro de canto noturno.

Então, ouviu novamente o som.

— Socorro!

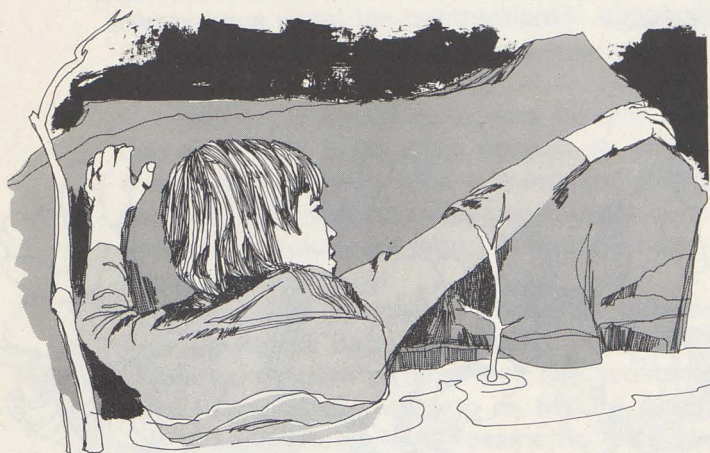
Como um raio, Tamayo correu para olhar entre ramos baixos dependurados das árvores. A vários metros da margem, pôde ver alguém agarrado a um tronco e lutando selvagememente na água.

— José! — Espantou-se Tamayo.

Ele hesitou durante um momento. Mas, fosse o que fosse que José tivesse feito, era necessário tentar salvá-lo.

Enquanto tirava a camisa e as calças, Tamayo gritou: — Segure-se, já vou indo.

Não foi fácil para Tamayo ajudar o menino maior. José era forte, e agora se debatia em pânico. Uma vez quase puxou Tamayo para baixo da água.



Teve que empregar toda a sua força, mas, vagarosa e deliberadamente, Tamayo conseguiu perfazer a distância até a margem. Quando finalmente a alcançaram, ele e José deixaram-se cair na lama, exaustos e tremendo.

Quando José recobrou fôlego bastante, murmurou: — Muitos agradecimentos a você, Tamayo.

— Por que você estava nadando, José? — perguntou Tamayo. — Já está quase totalmente escuro.

José correu os dedos pelo seu cabelo molhado. — Meus pés estavam cansados. Eu queria apenas andar um pouco na água rasa, mas pisei em um buraco profundo. Então, acrescentou encabulado: — Não sei nadar. Minha sorte é que você sabe.

— E que passei na hora certa, concordou Tamayo.

José baixou a cabeça. — Tenho feito coisas erradas com muita freqüência. Há muitas pessoas que teriam deixado que eu me afogasse.

— Se eu tivesse feito isso, eu também estaria fazendo uma coisa errada, respondeu Tamayo. — Foi isso que vovó me ensinou.

— Estou envergonhado de haver caçoado de você e de tê-lo agredido, — continuou José. — Você é valente. Eu gostaria de ser seu amigo.

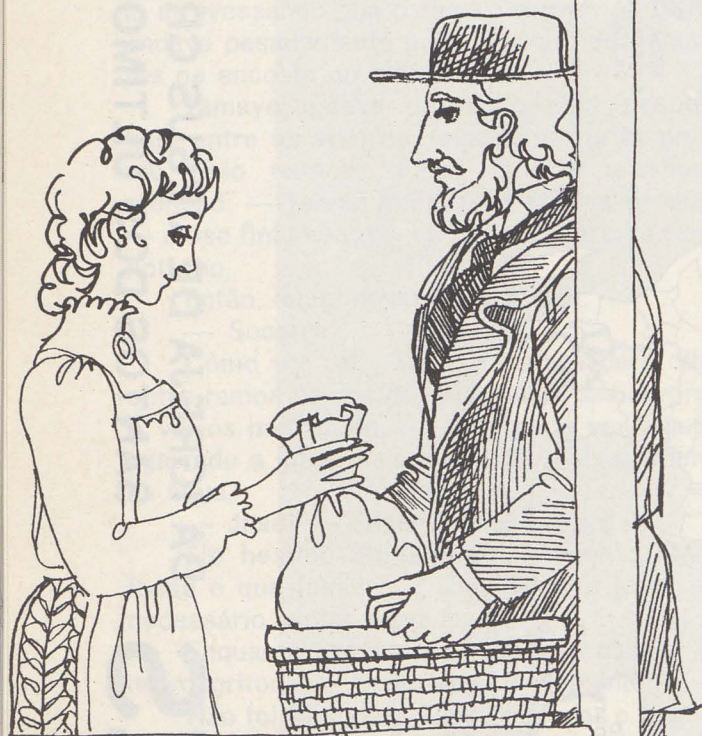
Tamayo sorriu e começou a vestir suas roupas. — Então vamos, **amigo**, disse ele. — Não estamos longe de nossas casas. Andemos juntos.



MISSÕES

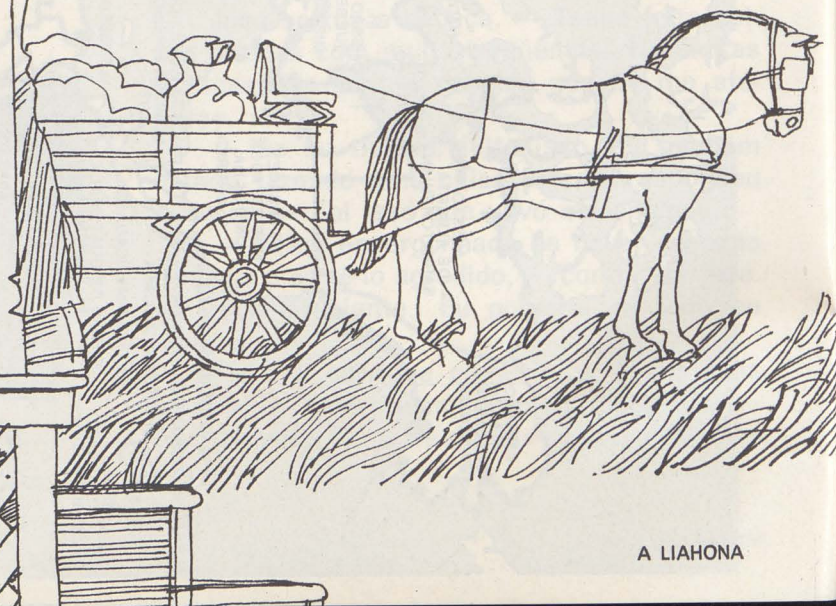
DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Um Chamado Do Profeta



George trabalhou muito durante aquele primeiro inverno frígido, vendendo suas últimas agulhas, poucas e enferrujadas, de porta em porta, por entre a neve, mais tarde oferecendo sabão de potássio, cera de abelha, flores de camomila e outras coisas de uso doméstico, até tornar-se, finalmente, um mercador preeminente, posição que havia muito desejava; e aí veio o chamado. Um chamado do profeta para servir em missão. Não foi para a Escócia ou para as Ilhas do Pacífico, onde tantos irmãos haviam servido com distinção; nem era para pregar o Evangelho eterno aos laminitas, ou trabalhar no Canadá, onde os conversos eram feitos às centenas. Não, o chamado de George era para coletar trapos. Ele era a piada da cidade. Quase todos faziam algum comentário a respeito de seu chamado, e até mesmo as pessoas mais piedosas falavam sobre ele como "a vocação mais baixa que podia ser seguida". O próprio George Goddard escreveu:

"(A missão) foi um golpe rude para o meu orgulho natural... Depois de ser conhecido na comunidade durante anos como mercador e leiloeiro... ser visto nas ruas indo de porta em porta com uma cesta



num braço e um saco vazio no outro, pedindo trapos em todas as casas. Oh, que mudança no aspecto dos negócios... Quando o Presidente Young fez inicialmente a proposta, a humilhante perspectiva quase me atordoou."

Um chamado assim degradante, no entanto, um chamado, e sua resposta ao presidente da Igreja refletiu grandemente em sua formação e conversão à Igreja.

Trinta anos antes, George havia sido um próspero comerciante em Leicester, Inglaterra. Mas a vida mudara completamente para ele, Elizabeth Goddard e seus oito filhos, quando se uniram à Igreja. O zelo de George por sua nova religião era tão irrefreável, que todas as quartas-feiras à noite, quando ocupava seu lugar no mercado, em vez de vender mercadorias por "shillings" e libras como os outros comerciantes, ele pregava o Evangelho. Conseqüentemente, seus fregueses o deixaram e, no prazo de oito meses após sua conversão, chegou à bancarrota, tendo que deixar seus negócios nas mãos dos credores.

Parecia não haver esperança para sua vida, mas um dos irmãos de George, tão aborrecido com a desgraça que a pregação do "mormonismo" estava trazendo sobre a família, logo aliviou sua situação, oferecendo-se para enviar George e sua família para a América, lugar que ele descrevia como "uma terra onde tolos e fanáticos podiam folgar em serena tranqüilidade, ou os mórmons florescer como botões-de-ouro."

Assim, em outubro de 1851, George, sua esposa e oito filhos partiram para a América, no navio **Essex**. Entretanto, nem tudo foi fácil, pois a dura viagem para São colheu, em vidas, seu tributo, especialmente entre as crianças. A família de George não se constituiu exceção. Uma criança faleceu no mar, outra em Memphis, mais uma durante o duro inverno em St. Louis e outras duas morreram de cólera, nas planícies; tudo isto durante a curta jornada de vinte meses, mas, finalmente, chegaram a São.

Embora tivessem o verdadeiro Evangelho, George precisava trabalhar, pois estavam em setembro, e o inverno aproximava-se rapidamente. E, embora a venda de porta em porta trouxesse bons lucros entre os gentios na Inglaterra, George achou que nunca funcionaria com os santos. Tentou, assim, procurar outro emprego; de local a local, foi ele em busca de trabalho, candidatando-se mesmo a servente de pedreiro nas construções públicas, mas todas as suas tentativas provaram-se inúteis. Em suas buscas, entretanto, descobriu que as lojas de Salt Lake não tinham quantidade suficiente de agulhas, e, por sorte, as agulhas eram justamente o maior carregamento de mercadorias que ele havia trazido da Inglaterra. Vendo o mercado assim, pegou a velha caixa de charutos que havia pedido em St. Louis para expor seus aviamentos e começou novamente a bater de porta em porta. Quando suas agulhas terminaram, George começou a vender os produtos fabricados pelos próprios santos — tinta, sabão e fósforos produzidos em casa. Gradualmente, através dos anos e com trabalho duro, ganhou mais e mais preeminência na comunidade e, por volta de 1861, muitos o consideravam um dos cinco principais negociantes do Vale do Lago Salgado.

Foi então em 1861, quando havia novamente alcançado destaque, que o profeta lhe pediu que deixasse tudo e coletasse trapos. Logo de início, ao ser-lhe apresentada a proposta, pensou na humilhação, mas isto foi somente a princípio. Mais tarde, escreveu:

"Apenas alguns momentos de reflexão lembraram-me de que viera para estes vales das montanhas, desde minha terra natal, a Inglaterra, com o propósito de fazer a vontade de meu Pai Celestial; meu tempo e posses estavam à sua disposição."

George Goddard aceitou o chamado.

Possuindo tino comercial, George programou o sistema mais eficiente possível de coletar trapos. Iniciando na extremidade de uma cidade, indo do leste para o oeste, batendo em toda casa, ele podia, em média, coletar trapos de uma em cada cinco

casas. Durante três anos, ele coletou, indo três vezes a cada casa de Salt Lake e tendo contacto com quase toda família de Springville, Provo, American Fork, Lehi, Willow Creek, Big Cottonwood, Ogden City, Kays Ward, Farmington, Centerville, Sessions Settlement, Sanpete e até mesmo algumas cidades do Estado de Idaho. Uma vez que se tornou conhecido, melhorou sua imagem de coletor de trapos. Conseguiu até que bispos fizessem "sermões sobre trapos" nos púlpitos de suas alas, dizendo aos santos como os trapos eram desesperadamente necessários para a indústria de papel de Utah, que periclitava. George planejou também dar às senhoras, mercadorias em troca dos trapos, e, quando chegou ao fim de sua missão, sua lista de itens para troca estava bem grande, incluindo tudo, desde botões de ágata até extrato de pêssego.

Ao trabalhar, tentando trocar trapos por esses artigos, George também coletava uma grande variedade de desculpas das senhoras.

E ele encontrou outros aspectos humorísticos na sua missão. Divertia-se freqüentemente, quando mães com criancinhas pequenas chorando repreendiam-nas dizendo: Olhe, se você não se calar, eu a darei ao homem dos trapos. Notou que, embora parecesse um recurso terrível, sempre causava o efeito desejado.

Logo terminaram os três anos de sua missão. Ele a havia cumprido com sucesso. Ao aceitar o chamado, George pensara que a tarefa degradante de coletar trapos rebaixaria sua posição na comunidade. Mas estava errado. Eis que a missão serviu apenas para familiarizá-lo intimamente com toda a comunidade mórmon, de forma que, quando do seu término, ele era mais respeitado como mercador e líder do que antes.

E, atualmente, é raro lermos de George Goddard como secretário da Escola dos Profetas, ou superintendente das Escolas Dominicais de Salt Lake, ou quaisquer outras posições que tenha ocupado. Não, a história registra simplesmente que George Goddard recebeu um chamado do profeta para coletar trapos, e o aceitou.

Histórias das Autoridades Gerais

Minha Conversão

pelo Presidente Hartman Rector Jr.
do Primeiro Conselho dos Setenta



A fazenda de Rector, Missouri

Meu pai foi-me um excelente exemplo na infância.

Era tão honesto e íntegro quanto qualquer homem que eu já tenha conhecido — inteiramente justo em seus negócios com o próximo. Estou convencido de que ele teria andado dez milhas para saldar um débito de dez centavos. Se desse sua palavra, não era necessário nenhum contrato escrito. Compreendia que este era o único meio decente de viver.

Entretanto, devo ter desejado um sinal aparente quando criança. Estava confuso. Se ele era religioso, por que não íamos à igreja? Se ele necessitava de Deus, por que eu não o via orar? Parecia-me, também, que havia uma inconsistência ocasional em suas ações; por exemplo, uma vez ele me apanhou fumando e deu-

me uma grande surra, mas teve que tirar o cachimbo da boca para fazê-lo.

Na realidade, eu não freqüentava a igreja regularmente até servir na Marinha. Marchávamos para os serviços religiosos toda noite de domingo durante o treinamento preparatório para o vôo e, daquela época em diante, assisti com regularidade. Li, também, vários livros sobre religião e ponderei muito sobre o assunto.

A mesma contradição ou inconsistência que sentira em casa parecia também percorrer esta experiência — a diferença entre o que é dito e o que é realmente praticado. Notei isso nas igrejas cujas doutrinas estudei, pois muitas vezes seus princípios não se enquadravam com as Escrituras. Para mim, havia muitas perguntas deixadas sem resposta.

Se você não pode explicá-lo, então simplesmente creia de qualquer forma, disse-me, certa vez, um ministro. A fé não exige que você faça coisa alguma, a fé deixa que Deus faça tudo. Tenha apenas fé. Isto nunca me pareceu certo.

Uma vez, passando pela estação ferroviária de St. Louis (Missouri, E.U.A.), encontrei um ministro na cantina dos militares. Convidou-me a entrar em uma pequena sala de conferências, para que pudéssemos conversar. Perguntou-me se eu pertencia a alguma igreja; respondi-lhe que não. Disse-me que, em minha carreira no serviço militar eu me encontraria, sem dúvida, em certos grupos que não seriam os melhores para mim, que haveria moças que desejariam minha companhia e que meus amigos poderiam tentar convencer-me de que seria estúpido não tirar vantagem dessas situações. Mas ele me disse que conservar-se puro e casto não era estúpido — era muito sábio; e que, embora houvesse muitos que pensassem que a vida de Jesus Cristo era inexpressiva e sem

sentido para se viver, a opinião deles não a fazia assim. Disse que uma vida limpa deveria ser altamente prezada e que, ao me casar — como certamente o faria — deveria ser tão limpo e virtuoso moralmente quanto esperava que minha esposa fosse. Viver uma existência pura pode ser difícil, mas bem valeria os meus esforços; uma das razões era que eu estaria mais capacitado a obter as forças e coragem necessárias para enfrentar os desafios de situações difíceis do militarismo. Disse também que seria melhor que eu tomasse minhas decisões sobre isso naquele momento, enquanto ainda podia vê-lo por uma perspectiva imparcial.



Connie, o ano que eu a conheci



Este sou eu, no mesmo ano

BOOK OF MORMON
.....
DOCTRINE AND COVENANTS
.....
PEARL OF GREAT PRICE



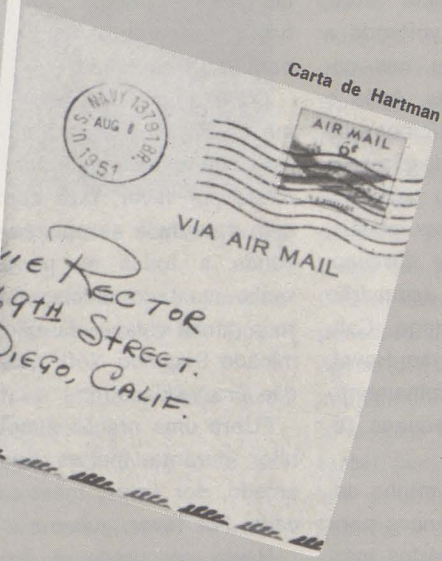
Na Aeronáutica



O grupo Mórmon
que me batizou



O casal



Esse encontro foi bem marcante para mim. Eu sabia que o que ele dizia era verdade, mas não compreendia naquela ocasião que me havia decidido a seguir seu conselho. Depois disso, enfrentei muitas situações morais perigosas, mas, de alguma forma atravessei-as ileso, como se alguém me estivesse protegendo.

O desejo de saber a verdade intensificou-se à medida que estudei e orei. Frequentei primeiro uma igreja e depois outra, mas havia algo faltando em todas elas.

Fui desobrigado do serviço ativo da Marinha em 1947 e voltei ao meu lar no Missouri. Lá, casei-me com a bela garotinha de cabelos escuros que havia conhecido e cortejado brevemente quatro anos antes. Bem me lembro da primeira vez que a vi. Vinha andando pela rua. Eu tinha deztoito anos e ela quatorze — e eu soube imediatamente que ela era para mim. Falei-lhe naquele dia e ficamos nos conhecendo, e, mais tarde eu lhe disse que teria quatro anos para crescer, porque eu ia para a Marinha, mas voltaria e me casaria com ela.

Assim, quatro anos mais tarde, cumpri minha promessa, voltando a cortejar minha querida, e nos casamos cinco meses depois. Após o casamento, líamos e debatíamos juntos a Bíblia. Depois do nascimento de nossos dois filhos, fui reconvoado, com outros aviadores navais, para participar no conflito coreano. Fui designado para um esquadrão cuja base era em San Diego, Califórnia, e depois mandado ao Havaí, para treze semanas de treinamento especial. Deixei minha pequena família em San Diego.

Mal eu havia partido e minha esposa mudou nossos pertences para a casa alugada, os missionários mórmons vieram e bateram em sua porta. Estavam fazendo contatos e, muitas das questões que debateram com ela eram as mesmas sobre as quais havíamos ponderado juntos; assim, ela

ficou muito interessada.

Em uma de suas cartas para mim, mencionou que dois rapazes haviam-na visitado e ela lhes havia feito muitas perguntas sobre religião, para as quais eles pareciam ter todas as respostas. Bem, isto me fez ficar um bocado zangado. O que estavam esses jovens fazendo, visitando minha esposa, mesmo que fosse em nome de uma igreja, enquanto eu estava fora? Não gostei disso, especialmente porque eles estavam respondendo às perguntas sobre as quais eu estivera ponderando durante toda minha vida.

Quando voltei para casa, proveniente do Havaí, na primeira noite, Connie, minha mulher, contou-me a história de Joseph Smith. Quando ela disse que ele tivera visões e recebera revelações, pareceu-me tão ridículo, que ri em seu rosto, e isto fez com que ela chorasse. Percebi, então, o quanto esta história realmente significava para ela, e abrandei-me, dizendo: — Bem, o mínimo que posso fazer é ler algum material deixado por eles para seu estudo.

Mal havia começado a ler o Livro de Mórmon, soube que finalmente havia descoberto aquilo pelo que estivera procurando.

Quando lia Primeiro Néfi, lembro-me de haver dito para mim mesmo: — Deus amado, que isto seja verdade; por favor, faze com que isto seja a verdade — pois se o for, respondo a todas as perguntas que tenho tentado esclarecer durante toda minha vida. — Eu não havia terminado Segundo Néfi, quando soube que era verdadeiro.

Fizera uma oração simples ao Senhor durante muitos anos: "Deus amado, por favor, mostra-me a verdade. Por favor, guia-me à verdade".

Havia procurado a Verdade em muitos lugares. Agora, aqui estavam dois rapazes, trazendo-a bem para a minha sala de visitas. E, embora eles fossem muito jovens, tinham, com eles, grandes poderes — a verdade

e Deus. Eu não podia discutir contra o que ofereciam, nem o desejava.

Frequentei a Igreja durante apenas alguns domingos, antes que chegasse o tempo de partir para a Coreia. Quando fui para bordo do navio, no último dia de 1951, levei comigo uma combinação tríplice (N.T. Conjunto dos livros: Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor em um só volume) e **Regras de Fé**, de James E. Talmage. Li as **Regras de Fé** durante o primeiro mês no mar. Uma noite, em 1.º de fevereiro, ouvi ser anunciado pelo sistema interno de alto-falantes do navio que os serviços religiosos dos SUD se realizariam na biblioteca, às 19h30m. Na hora aprazada lá fui, e encontrei quatro jovens muito parecidos com os dois missionários que haviam batido em minha porta, em San Diego. Disse-lhes que não era membro da Igreja, mas que estava interessado em estudar a seu respeito. Deram-me as boas-vindas com muito entusiasmo.

Quando chegamos ao Japão, em fins de fevereiro de 1952, o grupo decidiu que eu estava pronto para o batismo. Assim, acompanharam-me até a casa da Missão Japonesa, onde fui entrevistado e recebi uma recomendação. No dia 25 de fevereiro de 1952, no jardim atrás da casa da Missão Japonesa, a uma temperatura de um grau centígrado abaixo de zero, a onze mil quilômetros de minha casa no Missouri, fui batizado. Mais tarde, fui confirmado um membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Minha esposa foi batizada quatro dias mais tarde, em San Diego, California, E.U.A.. Nossa busca havia chegado ao fim.

Mais uma vez, o Senhor havia confirmado sua palavra: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre." (Mat. 7:7-8.)

É nossa obrigação prestarmos testemunho ao nosso próximo

Sobre As Planícies Da Judéia

Élder Bruce R. McConkie
do Conselho dos Doze

Pedro disse: "Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus" (I Pedro 4:11), o que significa que deve ser guiado pelo poder do Espírito Santo; e é isto que, acima de tudo o mais, desejo neste momento.

Aconselhei-me com o Senhor quanto ao que deveria falar; fiz-lhe algumas sugestões quanto ao que achava apropriado, sujeito, é claro, à sua cooperação aprovadora; recebi essa cooperação; e se eu puder agora receber uma língua com a qual me possa expressar bem e vocês puderem receber um ouvido atencioso, então, todos juntos seremos edificados à medida que procuramos, agora, adorar ao Senhor em espírito e em verdade.

Escrevi um trecho que denominei de "Sobre as Planícies da Judéia". Ali estava eu sobre as planícies da Judéia,
E ouvi sons e melodias celestiais;
Ouvi um anjo, livre de pecado,
Anunciar o nascimento do descendente de Davi.



Cuidando os pastores das ovelhas à noite,
Viram uma luz brilhante e gloriosa,
Enquanto corais sagrados da abóbada celestial.
Viam o próprio Filho de Deus fazer do barro morada.
E doces vozes cantavam este estribilho:
"Glória a Deus nas alturas;
E paz, boa vontade aos homens na terra;
É este o dia do nascimento de Jesus."
A mim, veio-me este firme testemunho:

"Ele é o Filho de Deus, supremo e puro;

Veio à terra para milha alma salvar Do pecado e da morte e do túmulo."

Bem, a salvação está em Cristo. Ele é nosso Salvador e Redentor. Veio ao mundo para redimir os homens da morte temporal e espiritual, trazidas ao mundo pela queda de Adão, e deu-nos um plano e sistema de salvação que é chamado de o Evangelho de Jesus Cristo. Este plano é que todos os homens, em todas as partes devem ter fé em Cristo; devem arrepender-se de seus pecados; devem fazer convênio nas águas do batismo de guardarem os mandamentos e servirem a Deus com todo seu coração, poder, mente e força; para que possam então receber o dom e companhia do Santo Espírito e daí por diante viverem em retidão e fidelidade todos os seus dias, com a certeza e promessa de que, assim fazendo, terão paz nesta vida e glória eterna na existência vindoura.

Ora, somos os agentes e repre-

representantes do Senhor. Ele nos deu a plenitude de seu Evangelho eterno. Os céus foram abertos em nossos dias. Ouve-se novamente a voz de Deus. Anjos têm vindo de sua presença. Chaves e poder, autoridade e Sacerdócio foram novamente dados

aos homens mortais e, mais uma vez, temos todas as leis e prerrogativas, possuindo todos os poderes que são necessários para salvar e exaltar uma alma humana. Temos neste reino, nesta Igreja, as chaves do reino de Deus, as chaves de sal-

vação para todos os homens, em todas as partes.

E ele nos deu a mesma delegação dada às pessoas dos dias antigos que possuíam poderes similares; somos designados a levar sua palavra a todo o mundo e fazer com que a salvação seja acessível a todos os seus filhos, em toda parte. Isto nos impõe a obrigação de aprender como faremos isto, esta coisa de tal magnitude, incomparável e transcendente. Como vamos proclamar as verdades salvadoras entre nosso próprio povo e levar a mensagem da restauração ao mundo?

Isto envolve alguns princípios eternos, e, o que fazemos em nossos dias não é apenas o mesmo em princípio, mas é exata e precisamente o que os profetas e homens justos têm feito em todas as épocas passadas.

Nos primeiros dias desta dispensação, o Senhor disse: "... os élderes, sacerdotes e mestres desta igreja deverão ensinar os princípios do meu Evangelho que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon, nos quais se acha a plenitude do Evangelho." (D&C 42:12.) De outra vez, disse que éramos enviados "para testificar e prevenir o povo..." (D&C 88:81.)

Suponho que estas duas designações — por um lado, ensinar as doutrinas do Evangelho, e por outro testificar pelo conhecimento pessoal que sabemos verdadeiras as coisas que estamos proclamando — são perfeitamente ilustradas no ministério dos filhos de Mosiah. O registro diz que "eram homens de inteligência sã", que "havam examinado diligentemente as Escrituras para poder conhecer a palavra de Deus. E não só isso; tinham-se entregado a muitas orações e Jejuns; por isso tinham o espírito de profecia e de revelação,

"Temos . . . as chaves de salvação para todos os homens, em todas as partes."



e quando ensinavam faziam-no com poder e autoridade de Deus". (Al. 17:2-3.)

Isto nos dá duas premissas. Por um lado, somos obrigados e nos é exigido que conheçamos as doutrinas da Igreja. Devemos entesourar as palavras de vida eterna. Devemos arrazoar tão inteligentemente quanto pudermos. Devemos usar toda aptidão e capacidade com que somos dotados para proclamar a mensagem de salvação e torná-la inteligível para nós mesmos e para os outros filhos de nosso Pai. Mas, depois de havermos feito isso, e também durante o processo de fazê-lo, somos obrigados a prestar testemunho — para fazer com que o mundo, assim como nossos companheiros da Igreja saibam — que em nossos corações, através da revelação do Santo Espírito às nossas almas, sabemos da veracidade e divindade da obra e das doutrinas que ensinamos.

Deixem-me agora, com sua licença, usar uma ilustração clássica dos registros antigos de como isto é feito. Pedro e seus companheiros tinham o mesmo dever, em seus dias, que temos nos nossos: levar a mensagem da salvação aos extremos da terra. Suponho que Pedro leu e ensinou as revelações que Isaías e os profetas fizeram a respeito de Cristo e seu Evangelho. Ele arrazoou com o povo a respeito delas. Seguiu o conselho divino: "Vinde então, a argüí-me,..." (Isa. 1:18.) Ele obedeceu ao decreto divino: "...trazei as vossas firmes razões." (Isa 41:21.)

Mas, ele fez algo mais do que isto. Depois de haver ensinado as doutrinas e após haver arrazoado, prestou seu testemunho pessoal da veracidade e divindade daquilo que estava apresentando a seu próximo; e o Senhor preparou-o para fazer exata-

mente aquilo, fornecendo-lhe experiências espirituais, permitindo que sobre ele pousasse o poder do Santo Espírito.

Vocês devem lembrar-se, por exemplo, de que Pedro e alguns outros dos Doze, juntamente com um pequeno grupo de santos, estavam reunidos em uma sala no andar superior; que o Senhor Jesus apareceu; que as pessoas que ali estavam reunidas ficaram terrificadas e amedrontadas; e que o Senhor lhes disse: "Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo: apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho." (Lucas 24:38-39.) Eles estenderam então, as mãos, e sentiram as feridas que marcavam seu corpo. Pediu alimento e comeu-o diante deles.

Tomé estava ausente nessa ocasião e não acreditou no testemunho dos discípulos, seus companheiros; oito dias depois, o Senhor fez uma aparição semelhante a todo o grupo e lhe disse: "Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente." Tomé disse: "Senhor meu, e Deus meu!" (Vide João 20:24-28.)

Tudo isto foi feito para mostrar que Jesus se havia levantado do túmulo com um corpo tangível. Era a forma de o Senhor dar a Pedro e seus companheiros um testemunho da veracidade e divindade de sua filiação. Se ele se levantara dos mortos, era o Filho de Deus; se era o Filho de Deus, então o Evangelho de salvação que eles estavam proclamando era verdadeiro; assim, o dever deles era estabelecer, na mente dos homens, que Jesus se levantara

dos mortos. Eles poderiam ter tentado fazer isso citando Isaías ou arrazoando através das revelações, o que, decerto fizeram; mas, depois de havê-lo feito, deviam prestar um testemunho pessoal; e leio agora um exemplo de tal testemunho, prestado por Pedro. Disse ele a um grupo de gentios reunidos:

"A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo (este é o Senhor de todos);

"Esta palavra, vós bem sabeis, veio por toda a Judéia, começando pela Galiléia, depois do batismo que João pregou;

"Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele.

"E nós somos testemunhas de todas as coisas que fez, tanto na terra da Judéia como em Jerusalém: ao qual mataram, pendurando-o num madeiro.

"A este ressuscitou Deus ao terceiro dia, e fez que se manifestasse,

"Não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós, que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos.

"E nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos." (Atos 10:36-42.)

Segue-se, aí, esta declaração compreensiva e que inclui tudo: "A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome." (Atos 10:43.)

Deixem-me ler um outro testemunho que Pedro prestou:

"Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor

Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas: mas nós mesmos vimos a sua majestade.

"Porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido.

"E ouvimos esta voz dirigida do céu, estando nós com ele no monte santo." (2 Pedro 1:16-18.)

Não deprecio de forma alguma o dever que repousa sobre nós de sermos eruditos do Evangelho, buscarmos as revelações, aprendermos como raciocinar e analisar, de apresentar a mensagem de salvação entre nós mesmos e ao mundo com todo o poder e capacidade que possuímos; mas somente esta posição não é suficiente. Quando tudo isto tiver terminado, temos que cumprir o mandamento que o Senhor nos deu nestes dias: "...vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, eu sou Deus." (Isa. 43:12.) Precisamos pôr um selo de aprovação divino sobre a doutrina que ensinamos, e esse selo é o do testemunho, o selo de um conhecimento pessoal prestado pelo Espírito Santo.

Bem, Pedro poderia ter arrazoado muito e, depois disso, o povo poderia ter discutido com ele e dito: "Você não entende as Escrituras. Suas interpretações estão erradas. Isto ou aquilo não é certo." Mas não se pode discutir com um testemunho; assim, depois de haver arrazoado, se Pedro lhes dissesse, como deve ter feito em essência e como pensamento principal em muitas ocasiões, se lhes houvesse dito: "Eu estava no aposento superior. O Senhor Jesus veio através da parede. Ele nos apareceu. Eu o reconheci. Era a mesma pessoa com quem eu havia trabalhado e viajado durante três anos e

meio. Ele é a pessoa que viveu em minha casa, em Capernaum. Senti então as marcas dos cravos em suas mãos e pés. Coloquei a mão em seu lado. Estava lá, quando ele comeu e bebeu diante de nós. Sei que ele é o Filho de Deus. O Santo Espírito de Deus prestou este testemunho à minha alma" — se ele lhes dissesse isso, nada sobraria para debate. Não se pode discutir com esse tipo de apresentação. Poder-se-á dizer, como falou Festo a Paulo: "Estás louco, Paulo: as muitas letras te fazem delirar" (Atos 26:24), mas, em última análise, tudo o que se pode fazer é aceitar ou rejeitar o testemunho que é prestado. Ou é verdadeiro ou falso. Não há meio-termo.

Agora, como é que se prova e estabelece que o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith; que anjos vieram em nossos dias; que houve uma restauração do Evangelho; que todas as coisas gloriosas que apresentamos ao mundo são verdadeiras? Bem, arrazoar-se através das revelações. Pode-se fazer um bom caso; e isto não é problema. A verdade está conosco. O Senhor é o autor do sistema que recebemos. Mas, depois de arrazoar e analisar, você tem que se apresentar como uma testemunha pessoal que sabe o que está dizendo. Tem que fazer como os filhos de Mosiah — falar e ensinar pelo espírito de profecia e pelo espírito de revelação; e o resultado é que se falará como alguém que possui autoridade. Esta é a grande coisa que nos separa do mundo, e sejam dadas graças a Deus por termos este conhecimento. Nós recebemos esta revelação e podemos falar como aqueles que possuem autoridade.

E tanto, com todo o vigor de minha alma, fazê-lo nesta ocasião, porque sou um, entre muitos, entre

grandes hostes da Israel dos últimos dias, que tem este conhecimento. Sei, por mim mesmo, da veracidade e divindade desta obra e da doutrina que agora prego.

Começamos com "Sobre as Planícies da Judéia." Terminemos com "Em Um Aposento Superior."

Sentamo-nos para a ceia, nossas almas doloridas,

Pois os iníquos ao nosso Senhor haviam morto:

Nós o víamos sobre a cruz da condenação;

Seu corpo depositado no sepulcro de José.

Então, ao lado de nossa mesa, lá estavam mais uma vez:

Ele vive, ele vive — agora, como antes!

Ele comeu, depois bebeu; nós vimos, depois sentimos,

Ao nos ajoelharmos a seus pés, reverentemente.

A Tomé, veio um manso mandamento: "Apalpa minhas mãos, elas são as mesmas

De quando fui pendurado no madeiro, E sofri a morte por mim e por ti."

A mim, disse ele em tons solenes: "Apalpa meu corpo; é de carne e ossos."

Minha alma gritou: "Inclinai-vos sob o seu cetro;

Aclamai-o Salvador, Senhor e Deus!"

E destas coisas eu testifico, solene e sobriamente, com pleno conhecimento daquilo sobre o que falo. Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

1. "Temos... as chaves de salvação para todos os homens, em todas as partes."

2 "Somos obrigados a prestar testemunho... que em nosso âmago, através da revelação do Santo Espírito à nossa alma, sabemos da veracidade e divindade da obra e das doutrinas que ensinamos."

Ser como Cristo é nosso marco, nosso objetivo

Que Classe De Homens? "Como Eu Sou"

Élder Marion D. Hanks
Assistente do Conselho dos Doze

É meu propósito hoje prestar meu testemunho a alguns que têm necessidades especiais, e àqueles que aceitaram do senhor a comissão, fazendo com ele convênio de tentar satisfazer a essas necessidades.

Quando Cristo pregou o Evangelho ao povo deste hemisfério, perguntou-lhe: "...que classe de homens deveis ser?" e respondeu: "Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou." (3 Né. 27:27.)

Como cristãos, aceitamos reverentemente esta instrução como nosso marco e nosso objetivo.

Sabemos que Cristo ama seu Pai. Ele veio ao mundo para fazer a vontade do seu Pai, sabendo a parte que deveria cumprir, o preço que deveria pagar.

Ele nos ama, e por nós cumpriu sua missão mortal com sofrimento tão intenso e profundo, que o fez sangrar por todos os poros. Ele nos comprou com seu sangue, trouxe-nos o dom da imortalidade e nos tornou possível todas as coisas boas e amáveis agora e eternamente.

Era bondoso mas não tímido. Ensinou aos homens a verdade a respeito de seu Pai, o Deus vivente, e testi-



ficou dele e de sua própria missão expiatória, embora muitos dos que o haviam seguido até ali, não mais andassem com ele. Proclamou o arrependimento e foi batizado por João no Jordão, ensinando a todos os homens que fizessem semelhantemente, prometendo aos obedientes e fiéis a bênção do Espírito Santo.

Cristo sabe o valor das almas.

Ele veio como havia profetizado Isaías e como afirmou na sinagoga de Nazaré: "para evangelizar os pobres, ... curar os quebrantados do coração, a apreçoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a

pôr em liberdade os oprimidos." (Lucas 4:18-19.)

Ensinou as parábolas da ovelha desgarrada e da moeda perdida, assim como do filho perdido, e ceiou com Zaqueu; advertiu os homens a imitar o ato compassivo do aviltado samaritano — "Vai tu e faze o mesmo." Ele exaltou o humilde publicano que, em contraste com o presunçoso fariseu, "nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" (Lucas 18:13) e enfrentou os acusadores da mulher arrependida.

Ele se encontra ligado tão intimamente ao seu próximo, que, em uma de suas parábolas mais poderosas, ensinou que o pão dado a um dos menores de seus irmãos é pão dado a ele, assim sendo com qualquer bondade ou ato de generosidade, misericórdia ou serviço. Negar ajuda a um dos menores de seus irmãos, disse ele, era negá-lo.

Sua mensagem é de esperança, promessa e paz àqueles que sofrem a perda de um ente querido: "Assim também vós agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos vereis, e o vosso coração se alegrará,

e a vossa alegria ninguém vo-la tirará." (João 16:22.)

Aos solitários e desanimados e àqueles que temem, chega sua afirmação segura: "Não te deixarei, nem te desampararei." (Heb. 13:5.)

Cristo compreende. "Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos Irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados." (Heb. 2:17-18.) "Porque não temos um sumo-sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado." (Heb. 4:15.)

Ele orou ao Pai por aqueles que não eram obedientes, e chorou.

Chamou para junto de si as crianças e as abençoou, e chorou.

Ensinou-nos a orar.

Estas e muitas outras coisas ele ensinou e fez. Elas representam o tipo de pessoa que era.

É claro que ele era mais: era o Redentor Divino, o Salvador de toda a humanidade, o Primogênito no espírito e o Unigênito na carne. Era o Príncipe da Paz. Ele "veio ao mundo ... para ser crucificado por ele, para carregar os pecados do mundo, e para santificá-lo e purificá-lo de toda a iniquidade; Para que por intermédio dele todos pudessem ser salvos ..." (D&C 76:41-42.)

O que ele fez por nós, nunca poderíamos fazer por nós mesmos, e seu exemplo de amor e serviço, e de procurar primeiro o reino de Deus é nossa estrela-guia e nosso caminho.

O que espera ele de nós?

Ao seu chamado, comissionados com seu santo Sacerdócio, sendo seus agentes, a serviço, dele, esta-



“Aqueles que querem seguir Cristo e ser a classe de pessoa que ele é, levantarão, como ele o fez, o arrependido que sofre e pranteia por causa do pecado, e o abençoarão com amor e perdão.”

mos sob convênio de representá-lo fielmente e de fazer a vontade do Pai.

Tudo o que nos cerca são oportunidades.

Soubemos, outro dia, do menino que havia perdido seu bichinho de estimação e que, com lágrimas nos olhos, procurou ajuda de sua mãe ansiosa. Ela lembrou-lhe, gentilmente, que havia feito todo o possível para encontrar o bichinho, sem obter sucesso. O que mais posso fazer, filho? perguntou ela. A senhora pode chorar comigo, respondeu o garoto.

“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo.” (Gál. 6:2.)

Um bom amigo, que trabalha com crianças que têm dificuldades, falou-me, recentemente, de uma me-

nina de nove anos de idade que viveu em 17 lares adotivos. Ela necessita de alguém que chore com ela, e ria com ela, e a ensine e a ame.

Há tantos que não são — ou acham que não são compreendidos. Recentemente, nossa família visitou uma amiga íntima, Irmã Louise Lake, que passou sua vida bondosa e despreendida em uma cadeira de rodas, por mais de um quarto de século.

Talvez devido a nosso filho de 12 anos estar conosco, Irmã Lake falou-nos sobre outra pessoa de 12 anos que havia conhecido em um centro de reabilitação em Nova Iorque, onde estivera trabalhando. O rapaz era cego e durante a maioria de seus 12 anos, havia vivido uma existência triste, sendo considerado ineducável, incapaz de aprender. Foi-lhe, então, dada uma oportunidade, graças a Deus, e descobriu-se um espírito maravilhoso e uma mente ótima. Ele dissera a seu amigo que pensara durante toda sua vida que ser cego era a pior coisa que podia acontecer a alguém — até que conheceu Campy. Campy era Roy Campanella, um grande atleta, que, no ápice de sua carreira, ficara fisicamente incapacitado, devido a um acidente automobilístico. O rapazinho cego disse que, depois de conhecer Campy, decidira que a condição do atleta era pior do que não poder ver. Mas há algo ainda pior do que isto, disse ele. Falou sobre sentir o seu caminho pelo corredor do hospital, ouvindo o barulho dos pés das pessoas ao passar por ele. Há algo pior do que ser cego ou aleijado, e isto é quando as pessoas não na compreendem, disse ele. Acho que eles pensam que, por ser cego, também não posso ouvir ou falar.

Há alguém que sempre compreende, e aqueles que procuram tornar-se a classe de pessoa que ele é,

precisam procurar compreender. Nunca estamos realmente sós, quando amamos a Deus, e aceitamos a amizade de seu Filho amoroso. Lembrome da mãe de 14 filhos que foi inquirida quanto a se havia um favorito. Bem, disse ela, se tenho, é aquela que está doente, até ficar boa, ou o que está longe, até que volte para casa. Assim parece ser com o Senhor.

Depois de uma reunião com nossos soldados em DaNang, no Vietnã do Sul, falamos com um piloto que estivera muito próximo da morte naquele dia, e que ainda se encontrava abalado. Ele tinha um pedido a fazer, e o fez timidamente, não desejando abusar: Será que o senhor teria apenas um minuto, quando voltar para casa, Irmão Hanks, a fim de telefonar ou escrever um recado para meu filho de 12 anos, para dizer-lhe que estou bem e que seu pai está pensando nele? Ele foi ordenado diácono no domingo passado sem a presença de seu pai, e eu quero que saiba o quanto o amo.

Aqueles que se encontram mais próximos de nós também necessitam de amor.

Há tantos que se afligem e estão acabrunhados, porque não se portaram de uma forma que sua própria consciência possa aprovar. Para eles, o Senhor ainda fala através de seus profetas antigos e modernos. Lembrem-se das palavras de Jacó a seus irmãos: "E agora, meus queridos irmãos, vendo que nosso misericordioso Deus nos fez saber tanto sobre estas coisas, lembremo-nos dele. Deixemos de lado nossos pecados e não inclinemos nossas cabeças, pois que não fomos afastados dele..." (2 Néfi 10:20.)

Na última carta registrada do grande Profeta Mórmon a seu filho Morôni, estão as lamentações do pro-

feta devido à iniquidade do povo, descritas no registro como sendo "que não têm princípios nem sentimentos." O testemunho final de Mórmon a seu filho querido incluiu esta maravilhosa advertência e explicação do efeito que os dons de Cristo devem ter em toda nossa vida: Sê fiel a Cristo, meu filho, e oxalá não te aflijam as minhas revelações a ponto de causar-te a morte; possa Cristo te animar, e possam os seus sofrimentos e morte (e sua ressurreição)... sua misericórdia e longanimidade, a esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre." (Moroni, 9:25.)

Cristo, em nossas vidas, não tem o propósito de nos afligir ou acabrunhar até a morte, por termos sido imperfeitos. Através dele, podemos ser elevados ao aceitar seus dons, misericórdia e longanimidade. Precisamos procurar manter essas bênçãos para sempre em nossa mente. "Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?" (Mosiah 5:13.)

Aqueles que querem segui-lo e ser a classe de pessoa que ele é, levantarão, como ele fez, o arrependido que sofre e pranteia por causa do pecado, e o abençoará com amor e perdão.

É claro que todo homem honesto, ocasionalmente sente sua fraqueza e padece ao encarar suas insuficiências, ignorância e orgulho. Mesmo Jó, aquele homem bom e piedoso, possuidor de uma fé que todas as suas aflições não conseguiram estremecer, prestou seu testemunho ao término de sua provação, quando, vendo Deus, ele disse: "Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido.

Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza." (Jó 42:2, 5-6).

Mas Cristo nos levantará e nos ajudará a nos tornarmos como ele é, à medida que fazemos como ele fez; ao amarmos a nosso Pai e lhe darmos nossa vida; ao amarmos uns aos outros e a todos os homens, e aprendermos a viver sua palavra e a ensiná-la; crermos no valor das almas e deixarmos que nossa vida seja a garantia de nossa sinceridade; pranteiar com os que pranteiam e levar-lhes esperança; compreender e confortar aqueles que choram; clamar ao Senhor.

"Sim, e quando não clameis ao Senhor, deixai que se encham vossos corações de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar, assim como pelo de todos que vos rodeiam.

"E agora, meus queridos irmãos, eis que vos digo que isto não é tudo; porque, depois de haverdes praticado tudo isto, se negardes ao necessitado e ao despido, e não visitardes os aflitos e doentes, nem reparirdes o vosso sustento, se o tendes, com os que necessitam, eu vos digo, se não praticardes nenhuma destas coisas, eis que vossas orações serão baldadas e de nada vos valerão, e sereis como os hipócritas que negam a fé." (Al. 34:27-28.)

Deus vos abençoe para que olheis para o alto e em vosso redor e para que vos ajoelheis, e sejais dignos, e vos torneis a classe de pessoa que ele é, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Aqueles que querem seguir Cristo e ser a classe de pessoa que ele é, levantarão como ele fez, o arrependido que sofre e pranteia por causa do pecado, e o abençoará com amor e perdão."

O Evangelho, revelado através das Escrituras, deve ser a base para tomarmos decisões

O Livre Arbítrio Do Homem

Élder John H. Vandenberg

Assistente do Conselho dos Doze

Era uma manhã hibernal de domingo, ao sul de Nova Iorque. A temperatura estava a vários graus abaixo do ponto de congelamento. As calçadas apresentavam-se escorregadias devido ao gelo, as estradas bloqueadas por enormes montões de neve. Ninguém veio à igreja naquela manhã, a não ser o ministro e uma velhinha de 89 anos que havia coxeado dez quarteirões desde o lugar onde morava.

Surpreso ao vê-la, o ministro chamou-a pelo nome e perguntou: Como é que a senhora chegou aqui numa manhã assim tempestuosa?

Meu coração chega aqui primeiro, foi sua alegre resposta, e então é fácil para o resto de mim. (**Quote**, 26 de janeiro de 1973, p. 5.)

Esta simples ilustração lembra que todas as pessoas se defrontam com decisões a serem tomadas diariamente, e, seja qual for a escolha, ela



pode ser medida pela vontade do coração.

Tais persuasões do coração estão relacionadas com duas forças opostas, constantemente em funcionamento dentro de cada ser humano. São as forças do bem e do mal, às quais o Mestre se referiu como Deus e Mamom. Unido a estas forças, está o poder de raciocinar do indivíduo, o qual só o homem, de todas as criações de Deus, possui. Isto lhe permite efetuar escolhas. É sua válvula

de controle, relativa àquilo que ele deseja ser. As forças governadas por seu próprio raciocínio determinam a natureza e qualidade da escolha feita. Assim é formado aquilo que chamamos de caráter. Referimo-nos a este privilégio de escolha como o livre-arbítrio do homem.

Tem-se dito que "todo dia é dia de eleição, pois, durante todas as horas de todo dia, cada um de nós exerce seu direito de escolha. Não temos que ter uma eleição local ou nacional, para que possamos eleger ou votar... A eleição de um homem pode determinar o voto decisivo a favor ou contra seu próprio sucesso... Você elege obter um conhecimento completo de seus negócios ou não. Você elege ser honesto ou não. Você elege guardar uma parte do que você ganha ou não. Você elege fazer sempre o melhor possível ou não. E, através de sua própria escolha, você será vencido ou obterá sucesso." (Jim

Love, **R&R Magazine**, Research and Review Service of America, Inc., vol. 10, p. 64.)

Nosso Pai Celestial estava ciente da realidade deste princípio de livre arbítrio no início. Lemos, com alguns detalhes, nas Escrituras:

"Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo;...

"E Deus viu estas almas que eram boas...

"E havia entre eles um que era semelhante a Deus, e disse aos que se achavam com ele: Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde estes possam morar;

"E prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar;

"E aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido;... e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre.

"E o Senhor disse: A quem enviarei? E um respondeu semelhante ao Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me." (Abraão 3:22-27.) E aquele disse: "Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre." (Moisés 4:2.)

"...E outro respondeu e disse: Eis-me aqui, envia-me." (Abr. 3:27.)

"Serei teu filho e redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida, o farei; portanto, dá-me a tua honda." (Moisés 4:1.)

"...E o Senhor disse: Enviarei ao primeiro.

"E o segundo se irritou e não con-

servou seu primeiro estado..." (Abr. 3:27-28.) "E ele se tornou Satanás,... o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens, e levá-los cativos à sua vontade, mesmo a todos quantos não ouvirem minha voz." (Moisés 4:4.)

Satanás rebelou-se contra Deus e "procurou destruir o livre-arbítrio do homem, que eu, o Senhor Deus, lhe tinha dado,..." (Moisés 4:3.)

Infelizmente, muitos não compreendem a qualidade e bênção desse dom do livre-arbítrio do homem. Se simplesmente pensássemos no assunto, chegaríamos à mesma conclusão deste pensamento: "A escolha é um elemento da dignidade humana. Sem o poder da escolha, um homem é muito menos do que um homem. Sem o seu exercício, o homem nunca descobre o que pode ser ou o que pode fazer. Ela é a chave para o futuro." (George E. Farling, "Youth Can't, But Must," **Weslyan Methodist**.)

Visto que Deus é o autor do livre-arbítrio do homem, não deveríamos voltar-nos para ele com o fim de obter o melhor meio de ajudar-nos a controlar nossas escolhas? O meio que ele nos deu são as palavras ditas pelos seus profetas, conforme estão registradas nas Escrituras. Jesus confirma isto ao responder aos judeus falsas de sua época, que o acusavam de quebrar o sábado, curando um homem doente naquele dia. Em sua repreensão a eles, Jesus incluiu estas palavras:

"E o Pai, que me enviou, ele mesmo testificou de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer;

"E a sua palavra não permanece em

"O Senhor quer que nos familiarizemos com seu Evangelho, que o testemos, que o provemos, que dele participemos e o usemos como um alicerce sobre o qual baseemos nossas decisões."

vós, porque naquele que ele enviou não credes vós.

"Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam.

"E não quereis vir a mim para terdes vida." (João 5:37-40.)

O guia para a resposta ao problema deles deveria ser encontrado nas Escrituras. Ele os repreendeu por não aceitarem as Escrituras que possuíam. O guia para a solução de todos os problemas da vida deve ser encontrado ali. O conhecimento onde buscar nosso raciocínio está nelas. Ouçam o conselho de Paulo a Timóteo:

"E que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.

"Toda a Escritura divinamente inspirada e proveitosa para inspirar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça.

"Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído

**“Josué mudou os corações
de um povo beligerante através de
seu exemplo de escolha.”**

Parte - I



para toda a boa obra.” (2 Tim. 3:15-17.)

Como colaboradores da causa da edificação do reino de Deus, elas são nossa fonte de fé, compromisso, determinação e liderança; doutrina para o fundamento de nossas decisões. Vamos recorrer às Escrituras para examinar alguns exemplos bem conhecidos, para ilustrar. Refiro-me ao exemplo de fé apresentado por Jó, um homem muito rico e temente a Deus, possuindo muitos dos bens do mundo e uma ótima família. Da noite para o dia, sofreu a súbita perda de todos os seus bens terrenos, assim como de seus filhos, e então, reagiu ao acontecido com fé e realismo.

Ele “rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou,

“E disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.” (Jó 1:20-21.)

Então, depois de sofrer aflição corporal e doenças, sua própria mulher censurou-o e disse-lhe: “Ainda reténs a tua sinceridade? amaldiçoa a Deus, e morre.”

Jó respondeu: “Como fala qualquer doida, assim falas tu; receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?” (Jó 2:9-10.)

Então, no meio de todas as suas aflições, Jó deu este testemunho: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.” (Jó 19:25-26.)

Quanto a compromisso, haverá um exemplo mais tocante de devoção do

que o de Rute para com sua sogra, Noemi, quando esta insistiu para que ela voltasse ao seu povo depois da morte do marido? Rute, apegando-se a ela, disse:

“Não me instes para que te deixe, e me afaste de ao pé de ti; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares à noite ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus;

— “Onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada: faça-me assim o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.” (Rute 1:16-17.)

E a Rainha Ester, determinada a salvar seu próprio povo da destruição, procurando a ajuda de Deus através de jejum, instruiu Mardoqueu: “Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas moças também assim jejuaremos; e assim irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço.” (Ester 4:16.)

E Josué, o líder, ao mudar as corações do povo beligerante através de seu exemplo de escolha, disse-lhe: “Agora pois temei ao Senhor, e servi-o com sinceridade e com verdade: e deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do rio e no Egito, e servi ao Senhor.

“Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram vossos pais, que estavam dalém do rio, ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor.

“Então respondeu o povo, e disse: Nunca nos aconteça que deixemos ao Senhor para servirmos a outros deuses;

“E disse o povo a Josué: Serviremos ao Senhor nosso Deus, e obedeceremos à sua voz.” (Josué 24:14-16, 24.)

Estes são apenas uns poucos exemplos dos inumeráveis que podem ser encontrados nas Escrituras, mas, mesmo à medida que examinamos estas poucas evidências de caracteres notáveis, nossos espíritos recebem a inspiração de sua força. O raciocínio nos diz que o desenvolvimento da vida deles deve ter sido edificado sobre o fato de fazerem escolhas apropriadas. Eles estavam estabelecidos na verdade. Seus exemplos nos ensinam lições celestiais.

O chamado que o Senhor nos faz é: “Vinde então, e arguí-me...” (Isa. 1:18.) Ele quer que ouçamos sua doutrina e consideremos. As Escrituras dizem-nos o seguinte: “... para que os homens pudessem participar das glórias que seriam reveladas, o Senhor enviou a plenitude do seu Evangelho, o seu convênio eterno, arrazoando com clareza e simplicidade.” (D&C 133:57.)

Ele quer que nos familiarizemos com seu Evangelho, que o testemos, que o provemos, que dele participemos e o usemos como um alicerce sobre o qual baseamos nossas decisões, isto para que o homem possa basear suas escolhas na verdade. Quando o raciocínio se alia à verdade, há lógica convincente que constrói em nosso coração o caminho que ele va e faz progredir para uma vida mais nobre.

A razão só é compatível com a verdade. O erro e o mal, a despeito do quanto alguém possa tentar justificá-lo, continua sendo erro e mal que leva ao caos. É difícil compreender que alguém, depois de examinar a verdade, pudesse dizer “a Deus: Retira-te de nós; porque não desejamos ter conhecimento dos teus caminhos.” (Jó 21:14.)

Uma das tristes expressões das Escrituras é quando Cristo disse: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vai ficar vos deserta.” (Mat. 23:37-38.)

A expressão aplica-se, em nossos dias, àqueles que, deliberadamente, não querem vir e arrazoar com o Senhor.

Vamos inclinar nosso coração para Deus, a fim de que possamos receber estas palavras de João:

“Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus;

“E qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos; porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos o que é agradável à sua vista.

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento.

“E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele. E nisto conhecemos que ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado.” (1 João 3:21-24.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A História Da Igreja No Brasil

Parte-I

Em fevereiro de 1851, Parley P. Pratt dirigiu-se às ilhas do Pacífico, Califórnia e para a América do Sul, com o fito de abrir missões. Assim, chegou a Valparaíso, no Chile, com esse propósito, mas, não sendo bem sucedido, retornou ao lar, em maio de 1852.

Quase um século depois, em outubro de 1925, Melvin J. Ballard, juntamente com Rulon S. Howells e Ray L. Pratt, foram escolhidos para dedicar a América do Sul ao ensino do Evangelho restaurado.

Procedendo à oração dedicatória, oferecida em Buenos Aires, a 25 de novembro de 1925, o irmão Ballard disse: "E agora, ó Pai, por designação e autoridade da bênção dada pelo presidente da igreja e pela autoridade do santo apostolado que possuo, eu giro a chave, destravo e abro a porta para a pregação do Evangelho nestas terras, e nós abençoamos e dedicamos as nações desta terra para a pregação do teu Evangelho."

A quatro de julho de 1926, o Élder Ballard pronunciou estas palavras inspiradas: "A obra do Senhor crescerá aqui, a princípio morosamente, assim como o carvalho que brota da sua bolota. Não crescerá muito em um dia, à semelhança do girassol que cresce

rapidamente e então morre. Mas milhares se juntarão à igreja aqui. A obra será dividida em mais de uma missão e será uma das mais fortes da igreja. É hoje menor do que jamais será. Virá o dia em que aos lamanitas será dada uma oportunidade, e a missão sul-americana será uma potência na igreja."

Em 1929, os primeiros missionários, juntamente com o presidente da missão sul-americana, Reinhold Stoof, iniciaram o trabalho missionário em Joinville, entre os alemães que lá se estabeleceram.

Esse foi o exórdio do trabalho missionário no Brasil.

Da sede da missão sul-americana, em Buenos Aires, o presidente Stoof veio a Joinville para dedicar a primeira capela adquirida pela igreja, na América do Sul. A dedicação foi realizada a 25 de outubro de 1931, com seis missionários e noventa e oito membros e investigadores presentes. O edifício era constituído de capela, salão de recreações e quarto para os missionários.

Em maio de 1935, Rulon S. Howells, acompanhado da família e um élder chegava a São Paulo, para estabelecer uma sede para a recém-forma-

da Missão Brasileira. O irmão Howells escolheu São Paulo, em virtude da sua localização central. A data de 25 de maio de 1935 é considerada, pois, o início das atividades da Missão Brasileira.

O que deve ter isso significado para os membros e missionários igualmente, foi expressado pelo presidente Howells, no término do primeiro ano de trabalho ativo. Ele escreveu: "No Brasil, os lugares onde a obra já foi iniciada estão separados por grande distância. Todavia, é possível visitar os ramos e missionários, pelo menos, uma vez em cada três ou quatro meses, o que já tem beneficiado o espírito dos missionários. Muitos deles nunca foram visitados pela antiga missão Sul-Americana durante dois anos."

Nessa época, todo o trabalho realizado no Brasil, havia sido entre pessoas que falavam a língua germânica, das quais existiam 750 mil no país, até então. Todos os missionários e membros falavam alemão.

Nesse período, contava a Missão Brasileira com os seguintes membros: quatro sacerdotes, quatro mestres, sete diáconos e vinte e nove membros do sexo masculino; sessenta e quatro mulheres, dezoito meninos e dezesseite meninas; nove missionários (cinco setentas e quatro élderes).

Muitas apresentações com diapositivos sobre temas do Evangelho e cenas fascinantes do Oeste, eram realizadas, para despertar interesse e dar ímpeto ao trabalho missionário. Posteriormente, aulas de inglês foram introduzidas, para ajudar a conseguir amigos para a igreja e interessar as pessoas no Evangelho.

As viagens para os ramos do sul

eram feitas, usualmente por navio. Havia, as vezes, muita demora na espera do navio ou então impossibilidade de se conseguirem passagens. Uma nota na história, referindo-se a uma transferência, conta que um novo companheiro não chegaria senão depois de quase três semanas, devido à arrumação dos pertences, transportes, etc.

23 de outubro de 1935 — duas irmãs germânicas locais foram chamadas para ser missionárias urbanas, em São Paulo. Deviam dedicar pelo menos seis horas de trabalho missionário por semana. Talvez tenha sido esta a primeira ocasião em que foram chamados ao trabalho, no Brasil, missionários locais.

A 6 de fevereiro de 1936, foram realizados os primeiros batismos, desde a abertura da Missão Brasileira, sendo batizados duas crianças e um adulto.

16 de janeiro de 1936 — Os missionários de Rio Preto (Ipoméia) compraram dois cavalos, com os quais poderiam viajar para a Conferência de Abril em Joinville. Eles esperavam realizar reuniões e encontrar investigadores batendo nas portas durante a viagem.

Em um dos ramos do sul que fora recentemente inaugurado, os missionários ficaram surpresos ao ver um estranho puxar um hinário do bolso, durante uma das reuniões, e cantar com eles. Soube-se, posteriormente, que o estranho era um membro vindo da Europa, e que lá havia sido batizado, em 1912.

A 3 de julho de 1936, o "Brasilonian", órgão informativo dos missionários, foi pela primeira vez publicado.

Parece que, atualmente, os mis-

sionários aprendem a língua com muita rapidez. Uma nota na história afirma que somente seis, de vinte e quatro missionários, sabiam, ao mesmo tempo, a língua alemã, o suficiente para poderem conduzir as reuniões.

Por essa ocasião, o presidente Howels, relatou as condições que pareciam existir nos estados do sul, com respeito à língua e as quais, eventualmente, provocaram a ação do governo brasileiro, no início da guerra, de proibir o uso da língua germânica em público. O presidente da missão, Pres. Howells escreveu: "Nós estamos também em situação peculiar aqui, pois somos estrangeiros pregando em língua estrangeira (alemão) que é uma língua estrangeira também para este país (Brasil). Contudo, existem centenas de milhares de alemães, cuja conversação diária em casa até certo ponto nos negócios, tende a fazê-los permanecer inteiramente alemães, de maneira que há tremendas oportunidades para se trabalhar no meio deles."

Naquele ano, quatro novos ramos, Blumenau, Jaraguá, Rio Branco e Novo Hamburgo, foram abertos para proselitismo.

1937. — Um dos marcos mais importantes na história da missão. Começou a ser traduzido o Livro de Mórmon para o português. O trabalho estava sendo realizado por Daniel G. Shupe, um ex-missionário que estivera na França e que havia morado no Rio de Janeiro por alguns anos.

A 16 de maio de 1938, Élder Lucius Levier Gardner foi designado para aprender português e pregar o Evangelho nessa língua. Esse foi o primeiro passo que levou a Missão Brasileira a ser mudada, de missão de língua germânica para missão de língua portu-

guesa. Posteriormente, outros missionários foram designados para pregar em português. Em muitos casos, um missionário falava alemão e seu companheiro português, a fim de estarem aptos para conversar com qualquer pessoa que encontrassem. O sistema deu bons resultados, até que a II Guerra Mundial principiou, e os missionários foram proibidos de realizar reuniões ou oferecer publicações em alemão. Entre 1938 e 1942, a Missão Brasileira passou gradualmente a falar somente português. Algum trabalho, entretanto, ainda era feito em alemão.

Os missionários encontravam frequentemente, durante as pesquisas ou através de amigos, muitos membros da igreja vindos da Europa e que tinham imigrado para o Brasil. Muitas dessas pessoas tinham perdido o contato com a igreja havia quase vinte anos. Para muitos desses membros que haviam permanecido fiéis após tanto tempo, foi verdadeiramente um acontecimento de júbilo, poder encontrar novamente os missionários da igreja.

Nos fins de maio de 1938, foi publicado em português, o panfleto "A História de Joseph Smith", sendo esse o primeiro traduzido para essa língua.

Em maio de 1939, mais oito panfletos foram impressos em português, entre eles, "A Necessidade da Religião", "Um Deus que fala", "O Livro de Mórmon", "O Significado da Vida e A Salvação Universal".

A 15 de março de 1940, as primeiras cópias da primeira edição do "Livro de Mórmon", em português, eram fornecidas à Casa da Missão. Três mil livros foram impressos na primeira edição.

L. D. S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

(CONTINUARÁ NO PRÓXIMO NÚMERO)

A LIAHONA

O Presidente Harold B. Lee faleceu inesperadamente dia 26 de dezembro de 1973 às 8 horas e 58 minutos. Contava o presidente com 74 anos de idade na ocasião de seu falecimento. Foi ele o 11.º presidente e profeta da Igreja de Jesus Cristo nesta última dispensação.

No domingo 30 de dezembro de 1973 o Élder Spencer W. Kimball foi designado como 12.º Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tendo Élder N. Eldon Tanner como Primeiro Conselheiro e Élder Marion G. Romney como segundo conselheiro. Na mesma ocasião Élder Ezra Taft Benson foi designado Presidente do Conselho dos Doze.



